

# A emerxencia cultural a debate

Referentes teóricos e aplicacións

Edición ao coidado de  
M. Felisa Rodríguez Prado

**CADERNOS CIPPCE SOBRE EMERXENCIA CULTURAL**

**DIRECTOR**

Arturo Casas Vales

**CONSELLO EDITORIAL**

Á. Enrique Carretero Pasín  
Fausto Dopico Gutiérrez del Arroyo  
Nieves Herrero Pérez  
Juan José López Rivera  
Manuela Palacios González  
María do Cebreiro Rábade Villar  
M. Felisa Rodríguez Prado  
Anxo Tarrío Varela

**CONSELLO CIENTÍFICO**

Josetxo Beriain (Universidad Pública de Navarra)  
Antón Figueroa (Universidade de Santiago de Compostela)  
Florencia Garramuño (Universidad de San Andrés, Buenos Aires)  
Kirsty Hooper (University of Warwick)  
María Lozano Mantecón (Universidad Autónoma de Madrid)  
Michel Maffesoli (Institut Universitaire de France / Université Paris Descartes)  
Francisco Pedro dos Santos Noa (Universidade Eduardo Mondlane, Maputo)  
Mari Jose Olaziregi (Euskal Herriko Unibertsitatea)  
Juan Luis Pintos de Cea-Naharro (Universidade de Santiago de Compostela)  
Sharon Roseman (Memorial University of Newfoundland)

**CADERNOS CIPPCE SOBRE EMERXENCIA CULTURAL** é unha colección de libros electrónicos do Centro de Investigación de Procesos e Prácticas Culturais Emerxentes (CIPPCE, <http://www.usc.es/gl/institutos/cippce>), centro propio da Universidade de Santiago de Compostela constituído formalmente no ano 2010. Os promotores do Centro foron oito grupos de investigación, seis deles pertencentes á área de Artes e Humanidades e outros dous á área de Ciencias Sociais e Xurídicas. A especialización destes últimos é en socioloxía, imaxinarios sociais, historia económica e demografía, mentres que a dos primeiros corresponde a teoría literaria, lingüística, filoloxía, antropoloxía social, análise do discurso, estudos sistémicos e empíricos sobre cultura, comparatismo cultural e literario e análise de redes. Segundo os seus estatutos fundacionais, o CIPPCE ten encomendado o estudo científico de fenómenos de emerxencia artístico-literaria e máis en xeral de procesos culturais emerxentes, sen restricións territoriais nin lingüísticas. O Centro ocúpase asemade de documentar e analizar alternativas metodolóxicas e heurísticas xurdidas na investigación sobre o cambio e a emerxencia culturais.

CADERNOS CIPPCE SOBRE EMERXENCIA CULTURAL constitúe unha serie aberta, sen periodicidade preestablecida, destinada ao público universitario e investigador nacional e internacional. Compilará achegas significativas nos campos de investigación específicos do Centro, tanto internas como externas. Entre elas, as procedentes dos simposios e conferencias organizadas polo CIPPCE, complementadas no seu caso por propostas de interese conceptual, metodolóxico ou analítico que se valoren polo Consello Editorial como contributos de entidade respecto da emerxencia cultural. Tales propostas poderán proceder de investigadores individuais ou de grupos externos que formulen, seguindo as directrices técnicas do Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da USC, iniciativas situadas nos marcos de competencia e actuación propios do Centro. Darase cabida así mesmo a traballos en progreso ou ocasionais, sempre de alcanzaren estes no criterio do Consello Editorial a calidade esixíbel.

Os CADERNOS CIPPCE liganse desde os seus inicios á plataforma de código aberto Open Monograph Press, implementada polo Servizo de Publicacións da USC a finais de 2013, no mesmo momento no que a serie se materializaba por acordo da Xunta de Centro do CIPPCE e alcanzaba vida pública.

# **A emerxencia cultural a debate**

CADERNOS CIPPCE  
SOBRE EMERXENCIA CULTURAL  
N.º 1

**A emerxencia cultural  
a debate**  
**Referentes teóricos e aplicacións**

**Edición ao coidado de**  
M. FELISA RODRÍGUEZ PRADO

2013  
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Esta obra atópase baixo unha licenza internacional Creative Commons BY-NC-ND 4.0. Calquera forma de reprodución, distribución, comunicación pública ou transformación desta obra non incluída na licenza Creative Commons BY-NC-ND 4.0 só pode ser realizada coa autorización expresa dos titulares, salvo excepción prevista pola lei. Pode acceder Vde. ao texto completo da licenza nesta ligazón:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.gl>

© Universidade de Santiago de Compostela, 2013

**Deseño de cuberta**

Ildefonso Vidal Ocampo

Servizo de Publicacións e Intercambio Científico  
da Universidade de Santiago de Compostela

**Maqueta**

Marcial Martínez

Imprenta Universitaria

**Edita**

Edicións USC

Campus Vida

[usc.es/publicacions](http://usc.es/publicacions)

## ÍNDICE

Nota de presentación .....	7
Arturo CASAS Sabemos ver a emerxencia cultural? Achegas desde a socioloxía das ausencias e a socioloxía das emerxencias de Boaventura de Sousa Santos.....	11
David MUÍÑO Emerxencia e textualidades dixitais.....	25
Cristina MARTÍNEZ TEJERO / Elias J. TORRES FEIJÓ Notas sobre a emerxencia na actividade do grupo Galabra: quadros teóricos, transferencia e a emerxencia de investigadores/as e metodoloxías.....	39





## Nota de apresentação

O ponto de partida dos textos agora publicados foi uma reunião científica celebrada no dia 15 de maio de 2013 para propiciar o debate, dentro do CIPPCE, à volta do conceito de emergência cultural e com referência à análise dos processos e das práticas emergentes. Aquela oficina —ou *workshop*—, organizada sob o título de “Xornada de debate teórico e aplicado sobre o concepto de emerxencia cultural”, congregou uma vintena de pessoas que, a partir de várias áreas do conhecimento e em torno a dez comunicações agendadas, puseram em comum questionamentos, usos, práticas e instrumentos que se revelam úteis para o avanço das Ciências Sociais e Humanas e sobre eles refletiram conjuntamente.

A jornada abriu-se com “Algunos temas de discusión sobre ‘emergencia cultural’”, a partir da sociologia, com Juan-Luis Pintos a realizar um percurso por campos semânticos diferenciados e pelo tempo para ancorar-se no âmbito da cultura e nos tempos atuais, num contexto em que o mais significativo é a emergência de meios e em que a novidade (cada vez de mais difícil identificação) e o reconhecimento se ligam à tripla criatividade-êxito-público.

A seguir, o debate a respeito do conceito de emergência foi colocado por Elias Torres Feijó, de uma perspectiva sistémica e no quadro da prática académica, considerando a discussão e utilização do emergente enquanto instrumento a aplicar para análise, a partir das experiências e no seio do grupo de investigação Galabra. Também interrogando(-se) a respeito da possibilidade e da capacidade da academia para detetar a emergência cultural, a apresentação

de Arturo Casas apontava a alargada socialización que ganhou falar de emerxencia en termos científicos e considerava em que medida as Ciências Sociais podem colaborar, encontrar-se ou disolver-se, advogando pela epistemologia do sul, em formulación de Boaventura Sousa Santos.

Juan J. López Rivera com a sua intervención, “Variación lingüística, complejidade e emerxencia”, contemplando a auto-gestão e auto-organización como conexión entre os sistemas complexos adaptativos e a proposta alternativa de Hockett à visión a respeito da variação lingüística, defendeu o enfoque não institucional e a revalorización de outro tipo de enfoques para descrever qualquer fenómeno social ou cultural.

Felipe Aliaga Sáez, em “Conocimiento propositivo. Plataforma de difusión de investigación científica para las Ciencias Sociales”, fez uma apresentação orientada à criação de uma plataforma (já ativada em <http://emergenciacultural.wordpress.com>) para atender a necessidade tanto de espaços de troca nos estudos da cultura como de gerar interdisciplina, através do mapeamento bibliográfico da produção científica relacionada com as práticas e os processos de emerxencia.

Ángel Enrique Carretero Pasín, com a comunicación “¿Cómo y con quién se relacionan los creativos? Trazas para una radiografía de sus amistades”, focalizou as denominadas profissões criativas num trabalho que, usando um método qualitativo, partiu de histórias de vida de uma série de profissionais espanhóis.

Colocando o foco no caso do arquipélago de Cabo Verde, M. Felisa Rodríguez Prado interrogou-se a respeito do (re)conhecimento do emergente e da sua fixação enquanto formulador de uma identidade cultural e/ou nacional (in)diferenciada.

Julio Cabrera Valera contribuiu para a exploração dos mecanismos de emerxencia cultural, tendo como objeto o ecologismo, em “La emergencia de la cultura ecológica y el ecologismo”.

Por sua vez, David Muíño Barreiro explorou a converxencia da emerxencia e do digital através das novas textualidades literárias, no quadro da cibercultura.

A fechar as intervencións agendadas, Manuela Palacios ligou as teorias do feminismo e do ecologismo para questionar “A ecocrítica: unha práctica cultural emergente?”.

Os proficuos resultados dessa jornada de trabalhos fizeram ver a conveniência de se fazer, pouco mais tarde, um chamado para publicación conjunta destinado a abrir a série dos *Cadernos CIPPCE sobre Emerxencia Cultural*,

que agora se estreia. O facto de algumas daquelas apresentações obedecerem a trabalhos em desenvolvimento e em processo de alargamento, por um lado, ou de se corresponderem com relatórios ou artigos retomados de outros lugares para serem submetidas a debate coletivo entre membros do CIPPCE, por outro, motivou que da dezena de contributos expostos na jornada apenas três tenham sido destinados para esta publicação.

Assim sendo, os textos que aqui aparecem reunidos sob o título “A emerxencia cultural a debate: referentes teóricos e aplicacións”, partem das apresentações realizadas em maio de 2013, nutrindo-se também do diálogo estabelecido nas sessões de trabalho e de alguma sedimentação posterior. Foram, ainda, submetidos a uma revisão editorial. Agora, são publicamente apresentados para que, ultrapassando as fronteiras do debate interno, possam ganhar novos destinatários. Trata-se de “Sabemos ver a emerxencia cultural? Achegas desde a socioloxía das ausencias e a socioloxía das emerxencias de Boaventura de Sousa Santos” do professor Arturo Casas, “Emerxencia e textualidades dixitais” do investigador David Muíño e, fechando o volume, “Notas sobre a emergência na atividade do grupo Galabra: quadros teóricos, transferência e a emergência de investigadore/as e metodologias”, em co-autoria do professor Elías Torres Feijó e da investigadora Cristina Martínez Tejero.

Na qualidade de coordenadora da edição, só me resta agradecer ao diretor do CIPPCE, Arturo Casas, a confiança depositada em mim para realizar esta tarefa no volume de estreia dos *Cadernos CIPPCE sobre Emerxencia Cultural* e aos autores dos textos tanto a disponibilidade para atender os meus pedidos como a pronta resposta recebida sempre.

Finalmente, confiamos em que os aqui contidos se revelem contributos úteis para continuar(mos) a pensar e a interrogar os fenómenos culturais emergentes, pois esse será mais um modo de vermos cumprida a finalidade do CIPPCE, dentro e fora do próprio Centro.

Boa leitura!

M. Felisa Rodríguez Prado  
Grupo Galabra - USC



**Sabemos ver a emerxencia cultural?  
Achegas desde a socioloxía das ausencias  
e a socioloxía das emerxencias de  
Boaventura de Sousa Santos**

*¿Sabemos ver la emergencia cultural? Aportaciones desde la  
sociología de las ausencias y la sociología de las emergencias  
de Boaventura de Sousa Santos*

*Can we see cultural emergence? Understanding Boaventura de Sousa  
Santos' contributions regarding the sociology of absences and the sociology  
of emergences*

Arturo Casas

[arturo.casas@usc.es](mailto:arturo.casas@usc.es)

Universidade de Santiago de Compostela

**RESUMO**

O traballo formula unha pregunta relativa á capacidade que a academia teña para a percepción e análise dos fenómenos emerxentes no campo cultural, tradicionalmente ausentes das axendas investigadora e docente. A resposta vincúlase coas funcións asumidas polo Centro de Investigación de Procesos e Prácticas Culturais Emerxentes da Universidade de Santiago de Compostela. A tal efecto, introdúcese un esquema sobre o

pensamento do sociólogo portugués Boaventura de Sousa Santos, especificamente encol das súas socioloxías das ausencias e das emerxencias, e anótanse algúns cometidos que o Centro estaría en disposición de desenvolver nese ámbito.

**Palabras chave:** Boaventura de Sousa Santos, emerxencia cultural, socioloxía da cultura, teoría crítica, traballo de tradución.

#### RESUMEN

El trabajo plantea una pregunta relativa a la capacidad que la academia tiene para percibir y analizar los fenómenos emergentes en el campo cultural, tradicionalmente ausentes de las agendas investigadora y docente. La respuesta se liga a las funciones asumidas por el Centro de Investigación de Procesos y Prácticas Culturales Emergentes de la Universidad de Santiago de Compostela. A tal efecto, se introduce un esquema del pensamiento del sociólogo portugués Boaventura Sousa Santos, específicamente alrededor de sus sociologías de las ausencias y de las emergencias, y se anotan algunas tareas que el Centro estaría en condiciones de desarrollar en ese terreno.

**PALABRAS CLAVE:** Boaventura de Sousa Santos, emergencia cultural, sociología de la cultura, teoría crítica, trabajo de traducción.

#### ABSTRACT

This paper raises a question about the academy's capacity to perceive and analyse phenomena of emergence in the cultural field, which are traditionally absent from research and teaching agendas. The answer connects with the functions taken on by the Research Centre for Emerging Cultural Processes and Practices at the University of Santiago de Compostela. With this in mind, I introduce an outline of the Portuguese sociologist Boaventura Sousa Santos' thinking, specifically regarding his sociology of absences and sociology of emergences, and I put forward some tasks that the Centre would be capable of carrying out in this field.

**KEYWORDS:** Boaventura de Sousa Santos, critical theory, cultural emergence, sociology of culture, work of translation.

**N**esta intervención gustaríame desenvolver unha reflexión certamente modesta e facelo ademais nunha tonalidade dalgún modo conversacional<sup>1</sup>. Unha reflexión, por outra parte, que recolle o mandato por nós formulado a nós mesmos no momento no que postulamos a creación deste Centro de Investigación de Procesos e Prácticas Culturais Emerxentes (CIPPCE) e asumimos dúas tarefas principais no curto prazo. En primeiro lugar, a análise disto que pregunto en voz alta se sabemos ver: prácticas, suxeitos, repertorios, formas, transferencias, mercados... correlativos á emerxencia

---

<sup>1</sup> Reprodúcese case textualmente o relatorio presentado o 15 de maio de 2013 na *Xornada CIPPCE de debate teórico e aplicado sobre o concepto de emerxencia cultural*, ampliado co imprescindible aparato bibliográfico. O autor quixo manter así o ton próximo á oralidade e ao intercambio franco de ideas entre colegas, que foi en todo momento o propio daquel encontro.

cultural. En segundo termo, concertarmos complementariamente algunhas decisións básicas sobre o xeito no que esa emerxencia e eses cambios culturais no mundo actual poden abordarse en estudos dotados do necesario rigor científico e á vez de aplicabilidade directa. Aínda que naquel momento non o dixemos con moita énfase, esta última consideración é obvio que ten bastante que ver coa distribución epistemolóxica e académica do saber no noso tempo e coas capacidades das ciencias sociais para colaborar, para reencontrarse ou, talvez, para disolverse no aire.

Da determinación para crearmos o CIPPCE dedúcese tamén que polo menos unha parte dos investigadores e investigadoras nel agrupados interpretamos que as posibilidades e límites dos departamentos universitarios, das áreas de coñecemento e dos propios grupos de investigación condicionan (para mal) unha resolución acaída do reto en cuestión. Non outro que o de seleccionar obxectos de atención comúns e metodoloxías propicias para analizar con garantías e a luz diversa a *emerxencia cultural*, o cal sen dúbida ten moito que ver co que decidamos entender por tradición, por hexemonía, por canon e tamén por historia; ou, noutro plano, por cultura, por coñecemento e por mudanza. Esta heurística foi xa despregada e pormenorizada polo noso compañeiro do CIPPCE César Domínguez nun traballo amplamente documentado, inesgotábel en suxestións que terei moi presentes, sobre a emerxencia literaria desde un punto de vista comparatista. Na súa análise fíxase en particular nunha poética da emerxencia como proceso, na emerxencia en tanto fenómeno e na recepción e incidencia pública da emerxencia (Domínguez, 2006).

### **1. A emerxencia como tópico**

Algo que de inicio non sobraría mencionar é o feito de que falar de emerxencia en termos científicos e académicos está en voga desde hai algún tempo. Iso explica o título dun libro que o biofísico estadounidense Harold Morowitz publicou en 2002, *The Emergence of Everything*, que conta cun primeiro capítulo rotulado xustamente “The Emergence of Emergence”, retomado aínda por Philip Clayton e Paul S. Davies (2006) cando catro anos despois coordinaron o volume *The Re-Emergence of Emergence* baixo o mesmo e prestixioso selo editorial de Oxford University Press. Pero se cito o libro de Morowitz é porque o seu subtítulo resulta aínda máis orientativo sobre o rumbo dos acontecementos nese terreo: *How the World Became Complex*. E é que en definitiva, cando falamos desta clase de asuntos o que en realidade estamos a intentar perfilar non é outra cousa que a complexidade, todo iso que a ciencia



normal considerou durante un tempo como sobranse ou superfluo pero que en realidade quedaba arrombado precisamente por non saber como tratalo nin como explicalo, en definitiva por non poder *reducilo* no sentido que os científicos experimentais dan a esta palabra: habilitaren un procedemento tendente a atopar unha explicación aceptábel no campo da física.

Segundo é sabido, a complexidade, o caos, pero tamén a autoorganización, foron adquirindo maior protagonismo co desenvolvemento de termodinámica, teorías de sistemas, cibernética, neurociencia e nun plano metodolóxico co agromar do funcionalismo, a mediados do século XX. Procesos posteriores aceleraron e incrementaron esa presenza e hoxe sabemos, co divulgador científico Steven Johnson (2003), que fungo mucoso, formigas, neuronas, cidades e *software* comparten algo en relación coa dinámica dos sistemas emerxentes e cos mecanismos de conduta e información ascendente, aquilo que en ciencias da información e da computación se denominan procesualidades *bottom-up*, ou “de abaixo a arriba”. Como sinala Johnson o peculiar destes sistemas é que son sistemas ascendentes por despreñaren comportamentos ascendentes. En definitiva, extraen a súa intelixencia da base, dunha base que pode estar constituída por «elementos relativamente non intelixentes» (Johnson, 2003: 19), e ademais activan regras sucesivamente máis complexas, marcando así unha evolución que vai do simple ao complexo e que por certo, desde hai uns vinte anos, os seres humanos aprendemos non só a entender senón tamén a xerar. E a isto é ao que acordamos chamar *emerxencia* no campo científico-experimental.

Que aplicación ten o anterior ao campo das ciencias sociais e as humanidades? Cabería falar dunha proxección mecánica, inmediata e completa desas chaves ao noso campo de investigación? Seguramente non en termos absolutos aínda que a resposta sería afirmativa en termos relativos. E considero ademais que nese paso habería bastante que aprender e que gañar. Entre outras razóns por compartir con Raymond Williams a reflexión por el expresada a propósito do concepto de *reproducción cultural* e a indicación de que a socioloxía da cultura como disciplina amosou capacidades certas cando se dedicou á análise de formas, prácticas, institucións e períodos pero experimentou un relativo fracaso cando intentou xeneralizalos como procesos sociais (Williams, 1994: 169). Serían dous os motivos dese fracaso: a propia complexidade e especificidade deses procesos e as limitacións teóricas e metodolóxicas daquela xeneralización. Así o expuña o teórico galés nun volume publicado orixinalmente en 1981 co simple título de *Culture*:

Parece innegable que cuanto más sabemos acerca de una forma, práctica, institución o período particulares, menos probable resulta que nos sintamos satisfechos con un análisis general de los mismos, por completo que éste sea. Esta insatisfacción es saludable cuando conduce a objeciones fundamentadas, a enmiendas razonadas y, sobre todo, a una detallada investigación ulterior. Sin embargo, no deberíamos dejar de lado los específicos componentes culturales de este tipo de insatisfacción, que con frecuencia conduce a que los movimientos constructivos reiterados como deseables no sean realmente llevados a cabo, o queden reducidos a lo que con toda propiedad podemos denominar particularismo (Williams, 1994: 169-170).

## 2. Pensarmos a emerxencia. Desde onde?

Creo que contribuíra a unha mellor delimitación do que pretendo desenvolver a concreción mínima dunhas poucas premisas e asemade a declaración dalgunhas afinidades co pensamento duns poucos autores. Tamén o anticipo da resposta correspondente á pregunta que se formula no título desta intervención, a de se sabemos ver a emerxencia cultural, cuestión nada distante das notas que acabamos de introducir a propósito de Williams. Por suposto, unha primeira necesidade sería a de aclarar quen somos nós e desde onde estamos a observar e actuar. Quen somos (ou son) ese *nós* que sabemos presente na flexión verbal do verbo *saber*, con esa primeira persoa de plural. Non interesa complicarse moito con iso. Poñamos, para nos entender, que *nós* somos por exemplo os que estamos aquí, basicamente membros e colaboradores do CIPPCE, congregados para tratar de observar e facer cousas xuntos. Dito isto, contesto xa á pregunta sen máis dilación, e fágoo cunha negación matizada: non sabemos ver a emerxencia cultural ou sabemos vela só parcialmente; para alén do cal, apenas sabemos nin semella que queiramos integrala no noso horizonte inmediato de atencións académicas, polo que en xeral adoita non haber rastro na docencia das investigacións que sobre tal materia levamos a cabo (se é que a levamos a cabo).

Ademais do anterior, permítaseme facer explícito algo sobre o lugar epistemolóxico desde o que entendín oportuno elaborar estas consideracións. Ese lugar é con toda claridade o da socioloxía, máis concretamente o dunha socioloxía da cultura atenta á raíz social, económica e desde logo histórica que a cultura ten de seu. Empregarei en especial, tendo moi presente a socioloxía de Pierre Bourdieu, conceptos como o de *habitus* e *sentido práctico*, aínda que tamén todo o relativo á reflexividade (Bourdieu e Wacquant, 1992); pero non deixarei de indicar que me intereso igualmente polos críticos razoábeis do pensamento e da metodoloxía deste sociólogo, algúns deles vellos discí-

pulos ou colegas que se foron afastando por motivos diversos, entre os cales tamén se contan sen dúbida os persoais. Estou a pensar en Luc Boltanski, en Bernard Lahire, en Nathalie Heinich... E tamén noutro plano por exemplo nas distancias marcadas por Jacques Rancière en relación con case todo o escrito por Bourdieu, algo que aparece ben esquematizado nun libro de Charlotte Nordmann (2006), e en xeral a filosofía do acontecemento (Foucault, Deleuze, Badiou, Žižek e outros pensadores contemporáneos) e os debates sobre o encaixe entre filosofía e actualidade

Con todo, o fundamento maior do que hoxe me gustaría expoñer é o pensamento do sociólogo portugués Boaventura de Sousa Santos, en particular o centrado na súa crítica da razón indolente e nas propostas dunha socioloxía das ausencias e dunha socioloxía das emerxencias apoiadas no que identifica como traballo de tradución. Creo que absolutamente todo o considerado por Sousa Santos a este respecto é de aplicación directa aos asuntos que nos convocan neste encontro de hoxe. E direi algo máis: confío non só na súa epistemoloxía —da que o que menos me agrada é o nome disposto como alternativa á razón indolente (*razón cosmopolita*)<sup>2</sup>— senón tamén nas súas motivacións e programa, se se me permite anotar algo aparentemente pouco acaído a un foro da natureza do actual.

Unha primeira cuestión difícil de adiar, sequera sexa con extrema concisión, é a da propia *idea de cultura*, por dicilo coa expresión empregada por Terry Eagleton para titular un libro seu publicado en orixe no ano 2000 que comeza por retomar a vella cuestión abordada moitos anos antes por Raymond Williams (1958) da delimitación sempre complexísima do que sexa a cultura xa simplemente como vocábulo en uso (trátase da lingua inglesa ou de calquera outra). Williams impórtanos centralmente nestas consideracións por provir del a tamén moi coñecida proposta de diferenciación entre formas dominantes, emerxentes e residuais de cultura, que complementa coa distinción entre formas alternativas e formas oposicionais (só estas últimas terían vocación de substituír ás dominantes como modelo). Pero o que cómpre destacar basicamente é a afirmación por Eagleton de que se a cultura se converteu no auténtico tema do noso tempo é pola dimensión alcanzada polas industrias culturais (2001: 183). Isto sustenta que dun ou doutro xeito haxa que ter en

---

<sup>2</sup> E isto aínda admitindo que este consoa con ben coñecidos usos xurídico-políticos e culturais do termo, activados por Ulrich Beck, Immanuel Wallerstein, Arjun Appadurai, Arturo Escobar e outros eminentes pensadores contemporáneos, en xeral representantes do abandono da *ensoiación filosófica* sobre o cosmopolitismo segundo observou Jaramillo Marín (2008).

mente, segundo antes se suxería, que a cultura é tamén economía e é asemade comercio.

A respecto de todo o anterior, redundarei no distanciamento progresivo persoal co que significou o funcionalismo. En principio, co inicialmente desenvolvido en Reino Unido e Estados Unidos como resposta ao utilitarismo e sustentado nunha comprensión holística ou totalizadora de valores e prácticas, que asemade formulou a conveniencia de separar as investigacións sobre cultura e sobre sistema social, clave esta que persiste nas propostas de Jeffrey Alexander (2000) para diferenciar entre unha socioloxía cultural (que sería o programa forte por postular a autonomía da cultura en relación coas estruturas socioeconómicas) e unha socioloxía da cultura (que para el representaría un programa feble). Pero deixarei así mesmo constancia neste momento dun afastamento na miña forma persoal de ver as cousas cos postulados e alcance do funcionalismo dinámico, que sen dúbida tratou de resolver unha das eivas fundamentais do funcionalismo parsoniano, concretamente a atención a «the (dynamic) *synchronic* state of the system» (Even-Zohar, 2010: 45), ao cambio cultural e ás relacións intersistémicas, pero que desde o meu punto de vista segue tendencialmente apegado —como soubo ver González-Millán (2001)— a unha abstracción nomotética que acaba por homoxeneizar os seus campos de traballo. E isto malia o apuntado polo teórico israelí en termos declarativos:

Heterogeneity is reconcilable with functionality if we assume that rather than correlating with each other as individual items conferring to a single unified system, the seemingly non-reconcilable items maintain more than one set of systemic relations, thus constituting partly alternative systems of concurrent options (Even-Zohar, 2010: 45).

Sen dúbida, outro dos planos que aquí debería introducirse, cando menos como apuntamento, é o da integración da historia como ciencia social e o desenvolvemento que a isto se lle poida ou queira dar sobre todo desde a antropoloxía cultural e a socioloxía, neste terreo con propostas interesantes e ben coñecidas debidas a Norbert Elias (1988 [1939]) e a Pierre Bourdieu (1997) arredor da historicidade do social, que levarían ao último dos sociólogos citados a propugnar unha historia cada vez máis social e unha socioloxía cada vez máis histórica.

### 3. Gran teoría vs. traballo de tradución

Vaiamos xa con algunhas ideas chave de Sousa Santos, tomadas basicamente da compilación de traballos titulada *El milenio huérfano* (primeira

edición de 2005 e segunda de 2011). En concreto, coas que estimo máis apropiadas para elaborar unha posición propia sobre a emerxencia cultural e sobre as posibilidades de dar conta dela como investigador. Procederei de primeiras a elaborar un esquema básico de conceptos para *a posteriori* aplicalo ou polo menos orientalo ao dominio que agora nos interesa de forma particular. De existir problemas de comprensión debe sospeitarse que se deban á miña interferencia, pois Santos é un sociólogo que escribe e pensa *more geometrico*.

O punto de partida é a convicción de que xa non confiamos nas ciencias sociais que herdamos da modernidade, nin na súa configuración disciplinar, nin nas metodoloxías nin nos conceptos. A razón estribaría en que constatamos que hai unha parte importante da realidade e da procesualidade social —tamén da experiencia social, noción importante neste sociólogo— que fica subteorizada. Complementariamente, para unha minoría faise xa indecorosa a colonialidade do saber e do poder asociada a un norte-centrismo que non é quen de conxugar os principios da igualdade e do recoñecemento da diferenza. Por isto mesmo argúe Santos que entramos nun período de transición paradigmática.

Ao respecto propugna, e non é pouco, unha nova teoría da historia que tomando nota da alegoría benjaminiana do *angelus novus* teña a capacidade de romper coa transformación moderna do presente nun instante fugaz e do futuro nun horizonte infinito asociado á idea do progreso. Esa nova teoría da historia, que é algo que se concreta na proposta de Santos, tería dous obxectivos primordiais: ampliar o presente e contraer o futuro.

A experiencia social —defende— é unha forma de riqueza social que estaría a ser estragada. De aí que Santos fale dun desperdicio da experiencia e acuse disto á mesma racionalidade que constituíu unhas ciencias sociais e unha tradición filosófica periclitadas. Con terminoloxía procedente de Leibniz fala así dunha *razón indolente*, tratada por extenso noutro lugar (Santos, 2002), que podería ser superada por unha *razón cosmopolita* con tres proxectos centrais, a socioloxía das ausencias, a socioloxía das emerxencias e o traballo de tradución. Como anticipei, considéroas todas de aplicación directa para a pregunta formulada ao comezo, para o traballo asumido polo CIPPCE e mais por algunhas das liñas de investigación que os grupos nos que participo están a desenvolver (Casas, 2012). Por exemplo, a propósito da literatura e a arte no espazo público, ou das poéticas de resistencia, ou tamén da reconsideración da arte política en tanto arte para o político, no sentido explorado entre outros por Jacques Rancière, Chantal Mouffe e Mieke Bal.

A razón indolente manifestaríase baixo catro formas, todas elas enfocadas a expandir o futuro e limitar o presente e, ademais, a reforzar o postulado da existencia dunha teoría xeral ou *gran teoría*, no sentido outorgado polo funcionalismo de Talcott Parsons a tal programa. Maniféstase como razón impotente (*nada pode facerse*), como razón arrogante (a nosa racionalidade *é incondicionalmente libre*), como razón metonímica (a nosa *é a única racionalidade* e non temos por que esforzarnos en descubrir outras) e como razón proléptica (*o futuro é unha superación lineal e infinita do presente*). As dúas últimas formas son as que máis interesan, tanto a Santos como a nós. Por iso dedícalles cadansúa crítica. Explora así por tanto unha crítica da razón metonímica e unha crítica da razón proléptica (Santos, 2011: 93-109), destinadas entre outros obxectivos a descartar a posibilidade de persistencia dunha gran teoría e a súa substitución paradigmática por un *traballo de tradución* (Santos, 2011: 112-125) destinado a fomentar unha intelixibilidade mutua entre experiencias posibles e dispoñíbeis.

A crítica da razón metonímica trata de desarmar os dous apoios fundamentais desa forma de razón: a idea de totalidade e a lóxica asentada sobre a relación dicotómica e xerárquica do todo e as partes. Segundo estas, as partes nunca poderían pensarse fóra da súa relación coa totalidade. Observemos que isto presupón, lido á luz do antes visto sobre o programa de investigación dos sistemas emerxentes, xustamente anular a posibilidade da emerxencia.

A resposta debería vir dunha socioloxía das ausencias que intentaría demostrar que o que non existe é activamente producido pola razón indolente como non existente e como alternativa fanada ao que actualmente existe. A razón metonímica invisibilizaría e trataría de invalidar —así é como o ve Sousa Santos— unha parte da experiencia social. Neste sentido é obvio que xorde unha certa vinculación conceptual co teorizado por Bourdieu arredor do espazo dos posibles (*espace des possibles*), que sería tamén unha parte da experiencia e sobre todo das alternativas que se ofrecen ao axente cando toma posición, unha parte non presente en xeral nos operativos propios das ciencias sociais e, en particular, nos das series historiográficas ao uso (Casas, 2009). En fin, a socioloxía das ausencias busca unha expansión das experiencias sociais xa dispoñíbeis.

A crítica da razón proléptica, en cambio, ten como obxectivo contraer o futuro e facelo escaso na nosa percepción. Por conseguinte, dotalo tamén de valor, convertelo en obxecto de coidado. A súa ferramenta é a socioloxía das emerxencias, que Sousa Santos (liga ao *noch nicht* de Ernst Bloch, o “aínda

non” que introduciu nas ciencias sociais, da man do pensador alemán, a categoría do posíbel, da potencialidade, do que Santos (2011: 106) describe como inscrición do futuro no presente para contribuír a dilatalo. A socioloxía das emerxencias habilitaría así unha ampliación simbólica dos saberes, das prácticas e dos axentes de xeito tal que nesa ampliación se identificarían as tendencias de futuro (Santos, 2011: 107). Onde a socioloxía das ausencias xogaba coa expansión de experiencias xa dispoñíbeis, a socioloxía das emerxencias amplía o campo das experiencias sociais posíbeis no marco do coñecemento, do desenvolvemento, do recoñecemento, da democracia e a comunicación. O fundamento de todo iso sería o feito de que a socioloxía das emerxencias é tamén unha forma de imaxinación sociolóxica.

Segundo xa se adiantou, o traballo de tradución sería o intento de facer mutuamente intelixíbeis as experiencias sociais, as prácticas, os seus axentes e mais os saberes asociados. E isto tanto no que afecta ás experiencias dispoñíbeis, localizadas pola socioloxía das ausencias, como no que atinxe ás experiencias posíbeis, descritas pola socioloxía das emerxencias. Por iso di Santos que se trata dunha especie de hermenéutica diatópica que funciona como contrapeso do tótem da totalidade moderna. En definitiva, da tentación do regreso da gran teoría nas ciencias sociais, por empregar o título dun célebre libro de Quentin Skinner (1985). Esa hermenéutica partiría da asunción dun universalismo negativo, segundo o cal toda cultura é incompleta (Santos, 2011: 115), e trataría de combater a inaprensibilidade do real ocasionada pola súa atomización e fragmentación:

Admitir la relatividad de las culturas no implica adoptar sin más el relativismo como actitud filosófica. Implica, sí, concebir el universalismo como una particularidad occidental cuya supremacía como idea no reside en sí misma, sino más bien en la supremacía de los intereses que la sustentan. La crítica del universalismo se sigue de la crítica de la posibilidad de la teoría general. La hermenéutica diatópica presupone, por el contrario, lo que designo como universalismo negativo, la idea de la imposibilidad de completud cultural. En el período de transición que atravesamos, aún dominado por la razón metonímica y por la razón proléptica, la mejor formulación para el universalismo negativo tal vez sea designarlo como una teoría general residual: una teoría general sobre la imposibilidad de una teoría general (Santos, 2011: 115).

Outro aspecto interesante do traballo de tradución é que é aplicábel tanto á relación entre saberes hexemónicos e non hexemónicos como á dada entre estes últimos só. A vantaxe obvia consiste na posibilidade de que esa tradución de prácticas e axentes emerxan con solidez e coordinación os movementos sociais (mutuamente intelixíbeis unha vez operado o traballo de tradución)

capaces de intervir contra a lóxica esmagadora do neoliberalismo e da súa globalización cultural e económica.

#### 4. Aplicación

Até aquí o pensamento de Sousa Santos tal como souben sometelo a esquema a fin de facelo doadamente manexábel para a finalidade que aquí nos marcamos. O que me propoño a seguir é ofrecer un cadro complementario que sobre a investigación en curso nos grupos que antes mencionei —presentada con algún detalle noutro lugar (Casas, 2012)— e desde logo tamén nos traballos asumidos no seo do CIPPCE, plasme algunhas ideas-forza que en todo caso poderemos glosar e discutir con tempo. Sinalarei simplemente cinco desas ideas:

Primeira. A razón indolente, moi reforzada pola colosal inercia académica e por esa especie de nefasta conxunción astral que invocamos baixo o nome de Boloña (tamén, claro está, polas súas consecuencias no estreitamento da posibilidade dunha intervención diría simplemente *intelectual*, sen atreverme a dicir *crítica*), constitúe unha eficaz coartada para seguir considerando alleo a nós todo canto emerxe fóra de gabinetes e decanatos. A maior abundamento, por razóns que non parece necesario explicitar, esta realidade que describo é notabelmente máis efectiva no campo das humanidades e das ciencias sociais. Trátase dunha esfera de problemas que tamén ten sido atendida por Sousa Santos a partir do volume *Pela mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade (1998, 9ª ed. de 2013) e que recentemente sistematizou e ampliou nunha nova publicación (Santos, 2012).

Segunda. O traballo de tradución comeza por ser un traballo de detección do que urxe traducir na esfera dos saberes, das prácticas e dos procesos. Desde un punto de vista escolástico cabería defender que nese ámbito o razoábel sería traducir as prácticas artísticas e culturais non hexemónicas ao campo do saber hexemónico. Porén, sen desbotar plenamente esa planificación acaso plausíbel —quizais orientada en definitiva a un retoque do canon—, considero máis urxente a exploración das linguaxes e das prácticas non hexemónicas, na súa estrita horizontalidade. Resulta obvio que neste marco o habitus é decisivo.

Terceira. No campo cultural a razón metonímica amósase implacábel e axústase ao real con extrema lentitude, programada esta e administrada por determinados xestores e intereses no que afecta á actualización de contidos tanto no sistema educativo como no ofrecido polos medios de comunicación e



as industrias culturais. Unha consecuencia disto é unha obsolescencia percibida como inaturábel polos axentes non adocenosados deses sistemas, e, nun plano xeral, unha desafección pouco significativa do que Sousa Santos describiu como razón impotente e como razón metonímica. Nestas coordenadas cada vez son máis perceptíbeis correlatos culturais do que con Hakim Bey (2011) poderíamos interpretar como «zonas [culturais] temporalmente autónomas». Faíse perentorio documentalalas e investigalas.

Cuarta. O traballo por facer entendo que sería particularmente proveitoso no exercicio dunha crítica das lóxicas consubstanciais á razón metonímica e á razón proléptica. Sousa Santos englobaas —esas críticas interpretadas como alternativas— en tanto serie de ecoloxías que se aplicarían aos saberes, ás escalas, á consideración da produtividade, ao entendemento da pluralidade das temporalidades e a unha ecoloxía do recoñecemento que interviría contra a lóxica da clasificación social. Na miña percepción, as artes escénicas e visuais, a literatura, a música constitúen no tempo presente discursos privilexiados de posta en práctica desas contralóxicas e desas ecoloxías. Unha tarefa non menor que nos corresponde é como mínimo documentalalas.

E quinta. Este é sen dúbida un tempo de transición epistemolóxica e de transición cultural. Ignorámolo todo sobre un futuro digamos que a medio século, mesmo a vinte anos. Por iso mesmo no meu criterio, a dedicación á investigación social e cultural resulta ser, hoxe máis que nunca, política.

### Referencias bibliográficas

- Alexander, Jeffrey C. (2000). *Sociología cultural. Formas de clasificación en las sociedades complejas*. Compilación de artigos a cargo de I.H. Cisneros e G. Pérez Fernández del Castillo. Barcelona e México D.F.: Anthropos & FLACSO - México.
- Bey, Hakim (2011 [1985]). *T.A.Z. Zona temporalmente autónoma*. Rianxo: Axóuxere.
- Bourdieu, Pierre (1997). *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, Pierre e Wacquant, Loïc (1992). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Casas, Arturo (2009). “Constituição de umha História literária de base sistémica: o sistema cultural como objecto de análise histórica no programa de investigação de Itamar Even-Zohar”. *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*: 10, 25-54. [http://repositorio.lusitanistasail.org/revista/docs/veredas\\_separata\\_02.pdf](http://repositorio.lusitanistasail.org/revista/docs/veredas_separata_02.pdf). Acceso: 26/09/2013.

- Casas, Arturo (2012). "Preliminar: acción pública del poema". Tropelías. Revista de Teoría de la literatura y Literatura comparada: 18, 3-15. <http://zaguan.unizar.es/ojs/index.php/tropelias/article/download/545/531>. Acceso: 26/09/2013.
- Clayton, Philip, e Sheldon Davies, Paul (eds.) (2006). *The Re-Emergence of Emergence*. Oxford: Oxford University Press.
- Domínguez, César (2006). "Literary Emergence as a Case Study of Theory in Comparative Literature". *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*: 8 (2). <http://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1304&context=clcweb>. Acceso: 26/09/2013.
- Eagleton, Terry (2001 [2000]). *La idea de cultura. Una mirada política sobre los conflictos culturales*. Barcelona: Paidós.
- Elias, Norbert (1988 [1939]). *El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Even-Zohar, Itamar (2010). *Papers in Culture Research*. 2ª ed. Tel Aviv: Unit of Culture Research.
- González-Millán, Xoán (2001). "Os problemas dunha lectura (poli)sistémica da literatura". En Isabel Lozano-Renieblas e Juan Carlos Mercado (eds.) *Silva*. Studia Philologica in honorem Isaías Lerner. Madrid: Castalia, 301-313.
- Jaramillo Marín, Jefferson (2008). "Cosmopolitismo(s) y modernidad(es)". *Revista Diálogos de Saberes*: 29, 175-200.
- Johnson, Steven (2003 [2001]). *Sistemas emergentes. O qué tienen en común hormigas, neuronas, ciudades y software*. Madrid: Turner.
- Morowitz, Harold J. (2002). *The Emergence of Everything. How the World Became Complex*. Oxford: Oxford University Press.
- Nordmann, Charlotte (2006). *Bourdieu / Rancière. La politique entre sociologie et philosophie*. Paris: Éditions Amsterdam.
- Santos, Boaventura de Sousa (1998). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Coimbra: Almedina [9ª ed., revisada e ampliada: 2013].
- Santos, Boaventura de Sousa (2002). *A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência*. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora.
- Santos, Boaventura de Sousa (2011). *El milenio huérfano. Ensayos para una nueva cultura política*. 2ª ed. Compilación de ensaios presentados por J.C. Monedero. Madrid: Trotta.
- Santos, Boaventura de Sousa (2012) "La universidad en el siglo XXI. Para una reforma democrática y emancipadora de la universidad". En René Ramírez

(org.), *Transformar la universidad para transformar la sociedad*. Quito: SENESCYT, 139-194.

Skinner, Quentin (ed.) (1985). *The Return of Grand Theory in the Human Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.

Williams, Raymond (1958). *Culture and Society 1780-1950*. London: Chatto & Windus.

Williams, Raymond (1994 [1981]). *Sociología de la cultura*. Barcelona: Paidós.

# Emerxencia e textualidades dixitais

## *Emergencia y textualidades digitales*

### *Emergence and Digital Textualities*

DAVID MUÍÑO

[david.muino@rai.usc.es](mailto:david.muino@rai.usc.es)

Universidade de Santiago de Compostela

#### **RESUMO**

O obxectivo principal deste texto é contribuír á delimitación do concepto de emerxencia mediante o desenvolvemento dun modelo teórico que incorpore a implementación das modalidades dixitais. Así, non só se reivindicará o valor emerxente do fenómeno dixital, senón que tamén se procederá a explorar os efectos de dita consideración na propia articulación da noción de emerxencia cultural. Dada a tradicional preeminencia das formas postcoloniais dentro das análises do emerxente realizadas nos estudos literarios, a aproximación á emerxencia (e, máis concretamente, á súa vertente literaria) desde a perspectiva das textualidades dixitais ofrece unha oportunidade de repensar as categorías fundamentais que outorgan sentido a tal proceso. Partindo dun enfoque interdisciplinar, propónse un diálogo teórico entre o ámbito multimedia do sistema dixital e a conceptualización da emerxencia, unha interacción baseada na confirmación do cambio e a transformación como principios comúns de ambos os campos.

**PALABRAS CHAVE:** emerxencia, literatura emerxente, literatura dixital, hipertexto.

**RESUMEN**

El objetivo principal de este texto es contribuir a la delimitación del concepto de emergencia mediante el desarrollo de un modelo teórico que incorpore la implementación de las nuevas modalidades digitales. Así, no solo se reivindicará el valor emergente del fenómeno digital, sino que también se procederá a explorar los efectos de dicha consideración en la propia articulación de la noción de emergencia cultural. Dada la tradicional preeminencia de las formas postcoloniales dentro de los análisis de lo emergente realizados en los estudios literarios, la aproximación a la emergencia (y, más concretamente, a su vertiente literaria) desde la perspectiva de las textualidades digitales ofrece una oportunidad de repensar las categorías fundamentales que otorgan sentido a tal proceso. Partiendo de un enfoque interdisciplinar, se propone un diálogo teórico entre el ámbito multimedia del sistema digital y la conceptualización de la emergencia, una interacción basada en la confirmación del cambio y la transformación como principios comunes de ambos campos.

**PALABRAS CLAVE:** emergencia, literatura emergente, literatura digital, hipertexto.

**ABSTRACT**

The main aim of this paper is to contribute to the delimitation of emergence through the development of a theoretical model which incorporates the implementation of new digital modalities. Therefore, it not only claims digital phenomena's emergent condition, but also proceeds to explore the effects of such consideration in the articulation of emergence itself. Given the traditional predominance of postcolonial forms in the analysis of emergent literatures, the examination of emergence (and, more precisely, of its literary manifestations) from the perspective of digital textualities offers a chance of rethinking the fundamental categories which give sense to that process. Choosing an interdisciplinary point of view, this paper puts forward a theoretical dialogue between the digital system and the conceptualization of emergence, an interaction based on the confirmation of change and transformation as the common principles of both fields.

**KEYWORDS:** emergence, emergent literature, digital literature, hypertext.

**A** mera inclusión do presente artigo nun debate en torno á emerxencia cultural organizado por un centro de investigación centrado no estudo de procesos e prácticas culturais emerxentes pode aportar pistas suficientemente claras sobre o marco conceptual que guiará a articulación das seguintes páxinas. En efecto, a indagación na noción de emerxencia, isto é, a exploración dalgunhas das categorías e condicións que lle outorgan sentido, ocupará un lugar privilexiado no desenvolvemento destas disquisicións. A formulación binaria do título debe alertar, sen embargo, sobre o feito de que o protagonismo do concepto de emerxencia haberá de ser, en todo caso, compartido: máis que un estudo enfocado exclusivamente na comprensión e análise do emerxente, este artigo pretende ofrecer un discurso teórico no que a aproximación ao ámbito da emerxencia conflúa coa revisión dos dispo-

sitivos que definen a literatura dixital<sup>1</sup>. A ineludíbel esixencia de afondar na delimitación da emerxencia complementarase coa interpretación dos formatos literarios dixitais, potenciando a investigación das posíbeis converxencias e interaccións que se orixinen a partir da intersección dos seus respectivos espazos teóricos. A estratexia que se propón non é outra que o establecemento dunha perspectiva interdisciplinar e bidireccional segundo a cal, ao tempo que se observa a emerxencia a través do prisma da literatura dixital, a incursión no territorio das textualidades electrónicas teña lugar pola vía do emerxente. A realización destas viaxes de ida e volta xustificase, así pois, polo aproveitamento das posibilidades de esclarecemento mutuo xurdidas do encontro entre ambas conceptualizacións: de igual xeito que a incorporación da literatura dixital ao campo da emerxencia afectará á caracterización dos textos electrónicos, a aplicación da emerxencia ás obras dixitais terá efectos sobre a consideración xeral do emerxente.

Un punto de partida plausíbel para o inicio dun percorrido polas conexións entre a ciberliteratura e a emerxencia situaríase na comprobación das coordenadas nas que se inscribe actualmente a utilización do emerxente como elemento teórico específico. Así, cabe sinalar que, en paralelo a súa popularización dentro da linguaxe común, as referencias a tal concepto son cada vez máis constantes no conxunto das disciplinas académicas. A relativa indiferenza das décadas pasadas ante a emerxencia deu paso nos últimos vinte anos a unha preocupación permanente polo seu papel na modificación da paisaxe social e cultural (Grassin, 1996: 5). Impulsada por unha percepción da realidade contemporánea que se fundamenta na constatación do derrubo das estruturas tradicionais e na contemplación dunha variabilidade incesante, a proliferación das mencións ao emerxente converteuse nunha tendencia xeneralizada. Non cesa de crecer o número de fenómenos emerxentes que son detectados na observación da actualidade e asístese, simultaneamente, ao afloramento da propia emerxencia, transformada ela mesma nunha noción emerxente: «Emergence has been emerging» (Grassin, 1996: 5).

Non obstante, tan incuestionábel como esta propagación da emerxencia é que a precisión definitiva dos seus significados aínda segue a ser en boa medida unha cuestión problemática. A pesar da proliferación do uso dos termos ligados ao emerxente ou, quizais, precisamente a causa dela, os equívocos

---

<sup>1</sup> Nas seguintes páxinas utilizaranse os termos “literatura dixital”, “literatura electrónica” e “ciberliteratura” como equivalentes, polo que o uso dun ou outro sintagma non suporá ningunha alteración significativa. Para comprobar os posíbeis matices de cada denominación, véxase Borrás (2005: 40-49).

que aparecen no camiño da especificación e a interpretación da emerxencia non son poucos: «Not only is the literature plagued with casual mentions of the term, it also spans multiple and divergent fields» (Veletsianos, 2010: 5). Por un lado, resulta habitual unha utilización non marcada do vocabulario do emerxente que, allea a unha vontade de teorización e sistematización máis profunda, pasa a inscribilo directamente dentro do campo semántico da novidade como unha variante relativamente elaborada. Por outro lado, son numerosas as disciplinas, pertencentes ben á esfera das ciencias ben á das humanidades, que recorren a dita terminoloxía para denominar elementos específicos do seu ámbito de investigación, co resultado do incremento do número e a heteroxeneidade das significacións posíbeis. En definitiva, a popularidade alcanzada pola emerxencia contrasta coa falta de evidencia das características que deberían concretala e identificala, reforzándose a elusividade que a distingue desde as súas primeiras manifestacións no discurso académico.

A concienciación respecto ás consecuencias derivadas, entre outros factores, tanto da natureza interdisciplinar do concepto do emerxente como da imprecisión que repetidamente acompaña ao seu manexo, esixe a interrogación sobre os parámetros epistemolóxicos desde os que se establece a emerxencia en cada contexto particular. Noutras palabras, de que falamos cando falamos de emerxencia? Que queremos dicir cando dicimos que un determinado fenómeno é emerxente?

No caso da constitución da emerxencia dentro do medio literario, a categorización predominante do emerxente asóciase á caracterización das denominadas “literaturas emerxentes”. Cunha tradición xa relativamente longa nos estudos comparatistas e na escola crítica inglesa, a locución en cuestión funciona como unha expresión recorrente na evolución recente das análises literarias cun enfoque teórico ou práctico, acumulando un importante número de matices semánticos diferentes. Máis alá das especificacións e variacións derivadas da utilización do termo, a comprobación dos rasgos básicos asignados habitualmente ás literaturas emerxentes permite o establecemento dunha caracterización elemental dos seus contornos; así, segundo esta definición de mínimos, unha literatura emerxente corresponderíase cun «sistema literario non canonizado, en fase de conformación, [...] nunha situación de subsidiaridade en relación ao sistema ou sistemas canonizados» (Equipo Glicof, 2003: 51-52). Representativa dunha lectura xenérica da configuración das literaturas emerxentes, a definición citada decreta a irrupción de ditas formas en función do cumprimento dunha dupla de condicións necesarias: en primeiro lugar, as literaturas emerxentes non deben adscribirse a unha posición de

hexemonía; en segundo lugar, han de dar conta dunha modalidade dalgunha maneira novidosa, até o punto de poderen estar nunha fase intermedia do seu desenvolvemento ou aínda nun proceso de establecemento. En consecuencia, quedarían excluídos do repertorio das literaturas emerxentes todos aqueles sistemas literarios que cun importante grado de canonicidade ou cunha persistencia previa prolongada; en último termo, a conclusión implícita na continuación destes criterios sería a afirmación da condición temporal da emerxencia dunha literatura: independentemente de que sexa efectiva ou non a súa canonización, unha literatura deixaría de ser emerxente co paso do tempo, cando a súa continuidade obtivese unha duración considerabelmente extensa.

Esta visión da implementación da emerxencia na literatura resulta debedora das teses formuladas por Raymond Williams sobre a evolución dos procesos culturais<sup>2</sup>, achegas que se insiren na revisión dalgúns dos principios asumidos pola teoría marxista clásica. Fronte á radical separación entre infraestrutura e superestrutura que imperara na tradición crítica marxista, Williams parte dunha visión da realidade histórica que non só rompe as fronteiras entre o material e o cultural, senón que tamén subliña o dinamismo dos procesos involucrados. O punto de vista proposto polo teórico galés pon énfase na pluralidade dos discursos que conviven e rivalizan no interior da organización social, na medida en que rexeita que algunha formación hexemónica inclúa ou esgote a totalidade dos elementos existentes (Williams, 2000: 147). Ademais dunha serie de nocións e prácticas dominantes, a complexidade da orde cultural invoca un amplo catálogo de valores e experiencias cunha xerarquía subalterna, formas non hexemónicas cuxo funcionamento depende da manifestación de variedades xa remanentes ou aínda incipientes. As alteracións acaecidas na articulación do ámbito social ou cultural resultan das diversas negociacións que se efectúan en cada momento entre os discursos preponderantes, os modelos residuais e as modalidades emerxentes. O residual designa significados que permanecen activos no presente, mais experimentados a partir do que subsiste dunha formación ou institución pertencente ao pasado (Williams, 2000: 144); en cambio, o emerxente pode transformarse en dominante ou ser incorporado ás instancias hexemónicas a modo de factor

---

<sup>2</sup> A xenealoxía do concepto de emerxencia dentro do campo literario ten, obviamente, máis dunha orixe: ademais do enfoque marxista de Williams, tamén son especialmente relevantes perspectivas tales como, por exemplo, a teoría dos (poli)sistemas de Itamar Even-Zohar, a semiótica cultural da Escola de Tartu ou os sistemas interliterarios da Escola de Bratislava (Domínguez, 2006: 4).



de renovación, relegando como outra posibilidade alternativa o mantemento da súa autonomía durante o período de vixencia da súa emerxencia. En tanto que representación dun entorno histórico en constante movemento, o esquema tripartito enunciado por Williams diseña un presente atravesado polos rastros dun tempo anterior e as potencialidades correspondentes a un futuro que se está a materializar.

O modelo teórico de Raymond Williams renega da fixación de conexións indisolúbeis entre os elementos integrantes do contexto socio-cultural e as funcións relativas á dominación, á remanencia ou á emerxencia: nun lapso de tempo grande, unha forma que ocupa unha posición emerxente podería chegar a situarse nun lugar de dominación, para finalmente pasar a adoptar unha condición residual. Igualmente, a identificación da emerxencia co residual non se produce por medio de termos absolutos, posto que ambas as categorías carecen dun valor autosuficiente e son constatábeis só a través da apreciación das súas relacións co hexemónico: «las definiciones de lo emergente, tanto como de lo residual, sólo pueden producirse en relación con un sentido cabal de lo dominante» (Williams, 2000: 146). Tal como xa revelaba tamén a definición das literaturas emerxentes antes mencionada, unha importante parte da apreciación da emerxencia procede da súa contraposición ás formacións predominantes, chegando a producirse a súa descrición a partir da aplicación de argumentos fundamentalmente negativos. A oposición entre o dominante e o emerxente non evita, sen embargo, que a diferenciación de ambos os dous fenómenos sexa dificultosa ocasionalmente: «resulta excepcionalmente difícil distinguir entre los elementos que constituyen efectivamente una nueva fase de la cultura dominante (y en este sentido ‘especie-específico’) y los elementos que son esencialmente alternativos o de oposición a ella: en este sentido, emergente antes que simplemente nuevo» (Williams, 2000: 146). Deste xeito, a emerxencia, lonxe de monopolizar ou equivaler a novidade, aparece como unha variante particular do novo, unha variedade específica que non é reducíbel a un compoñente máis do desenvolvemento da orde hexemónica.

Tanto a definición de mínimos proposta como as teorías de Raymond Williams sobre o cambio social e cultural presentan unha versión do emerxente con rasgos certamente xerais, co cal se favorece a ampliación do seu ámbito de utilización. Así, a perspectiva aberta desde a que se observa a emerxencia neses casos permite a detección de formas literarias emerxentes nun extenso repertorio de contextos e circunstancias; sen máis limitacións ou restricións que as impostas pola propia definición da emerxencia, ábrese a porta á inclusión de numerosas modalidades literarias diferentes, entre as cales podería

contarse, naturalmente, a literatura dixital. Non hexemónica ao tempo que novidosa, a ciberliteratura ten cabida, sen lugar a dúbidas, nesta caracterización xeral do emerxente: a súa localización marxinal dentro da panorama global do feito literario, aínda fundamentado maioritariamente nos principios da literatura analóxica tradicional, coincide coa implementación dun modelo textual cuxas propiedades resultan absolutamente orixinais. A emerxencia das textualidades electrónicas supón unha alteración substancial do funcionamento da paisaxe cultural e literaria, pero sinala, así mesmo, a manifestación dunha transformación social con consecuencias aínda máis transcendentais. Por máis que na irrupción da literatura electrónica está ausente a correspondencia coa expresión dun grupo social concreto, o seu xurdimento remite á revelación das profundas modificacións que afectan ás condicións materiais da sociedade: a aparición da literatura dixital constitúe un efecto secundario e colateral da evolución dos modos de produción na actual fase do capitalismo avanzado. Por conseguinte, a conformación da ciberliteratura responde á translación ao medio literario dos mecanismos de información e comunicación orixinados pola implantación das novas tecnoloxías, un resultado que demostra como tales elementos, no seu tránsito desde a emerxencia até a hexemonía, continúan o seu despregamento por todos os espazos da vida cotiá.

Tendo en conta o anterior, sería lóxico que a consideración da literatura electrónica como unha literatura emerxente tivese unha notábel difusión ou que non afrontase ningún impedimento para a súa aceptación. Non obstante, a revisión da aplicación práctica da noción de literatura emerxente nos estudos literarios servirá para defraudar calquera expectativa optimista. A pesar de que a visión extensiva aludida até agora podería ser asumida sen problemas na teoría, en moitas das investigacións realizadas desde a análise literaria, sobre todo naquelas correspondentes ao comparatismo, impera unha interpretación do emerxente máis restritiva e contraditoria: «Literary emergence seems to be associated with a) European languages used in non-Western territories, e.g., in Western territories that have been subject to ‘dislocation’ as a result of exile or immigration, b) Nation states, c) new states that have emerged through decolonization after 1945, and d) ex-colonies of France and Britain» (Domínguez, 2006: 4). Neste sentido, os procesos de selección e identificación estabelecidos a partir de tal enfoque parten dunha lectura poscolonial e nacional das literaturas emerxentes, complementada pola incorporación das representacións propias da xeografía política e económica: «Worth noting is the fact that the map of emerging markets, recognized by the International Financial Corporation, a unit of the World Bank, resembles closely the map of literary

emergence derived from theoretical comparative studies» (Domínguez, 2006: 4). A articulación desta cartografía da emerxencia impón a exclusión non só das modalidades literarias que ocupan un lugar alleo ao espazo poscolonial senón tamén das formacións que actúan fóra do horizonte nacional; polo tanto, a introdución dun criterio xeográfico e histórico interrompe o mantemento da subalternidade e da novidade como bases primordiais da constitución do emerxente. A equiparación directa de emerxencia e poscolonialidade pode conducir a unha lamentábel terxiversación de ambos os conceptos, xa que en ocasións potencia a mirada eurocéntrica que precisamente se intentaba cuestionar: a consideración dalgúns dos discursos poscoloniais como emerxentes débese, máis que á observación de fenómenos de nova orixe, ao incremento da visibilidade internacional de formas xa existentes que, sen embargo, antes permanecían inadvertidas; nestes casos, a apreciación da emerxencia prioriza a perspectiva das instancias culturais hexemónicas fronte á comprobación das condicións que determinan o desenvolvemento das formacións estudadas. Igualmente, no tocante á preeminencia da nación como unidade de referencia, moitas das prácticas literarias poscoloniais só obteñen atención e reciben o estatuto de emerxentes cando por fin quedan circunscritas ás fronteiras dun proxecto nacional.

Máis alá das consecuencias sobre o discernimento da poscolonialidade, esta redución do emerxente ao ámbito poscolonial limita dun xeito evidente as posíbeis proxeccións da emerxencia na exploración das modalidades literarias contemporáneas. A omisión, entre outras moitas formas, da literatura electrónica fai patente a necesidade de levar á práctica unha visión abrangedora do emerxente na que poidan converxer variedades con características e procedencias heteroxéneas. A integración da ciberliteratura no campo do emerxente, ademais de enriquecer o inventario dos elementos que reciben tal denominación, reforza o recoñecemento das contribucións de formacións non hexemónicas e inéditas á modificación da configuración dos fenómenos literarios. A literatura dixital móstrase como unha modalidade diferente ás que acompañaron tradicionalmente a evolución do feito literario e como un tipo de textualidade que obriga a reformular os significados ligados ao concepto de literatura. A diferenza dos textos analóxicos, nos que se sustenta a conceptualización do literario hai séculos, as obras dixitais constrúen unha textualidade que renega da linearidade e a xerarquización para outorgar ao lector unha liberdade e unha capacidade de actuación nunca vistas; dotados dun poder inusitado, os suxeitos que manipulan os textos electrónicos toman decisións sobre moitos dos seus aspectos fundamentais, intervindo explicitamente no

seu funcionamento así como na constitución dos seus posibles significados. Segundo subliña Joan-Elies Adell (2004: 279), coa ciberliteratura nace un novo modo de transmitir os textos, agora dispoñíbeis a través da rede ou dos soportes magnéticos, e, sobre todo, un contacto diferente coa obra literaria, que pasa a ser lida e manexada por medio das pantallas informáticas. O resultado desta nova relación co texto non será outro que a concienciación sobre a continxencia da unión entre a literatura e o formato do libro: «We suddenly realize that literature, including fiction and poetry, has developed in relation to an extremely peculiar medium, that of printing, and moreover that it might be regarded as a product of that historical and perhaps ephemeral medium» (Cabo, 2000). Acabe por substituír ou non á literatura analóxica como forma predominante, a ciberliteratura proporciona unha oportunidade de disociar o literario das connotacións impostas pola súa asimilación co libro e de repensar as categorías —autor, lector, texto, etc.— que participaron nese proceso de identificación.

A orixinalidade e a singularidade que distinguen a literatura dixital permiten, neste punto, a súa interpretación a partir dunha nova lectura da emerxencia baseada en acepcións procedentes de fóra do campo literario. Porén, intentarase aproveitar a natureza plural e interdisciplinar do concepto de emerxencia para dar conta das peculiaridades da irrupción e a articulación dos textos electrónicos. Deste xeito, levando a cabo soamente un lixeiro desvío respecto ao enfoque presentado até agora, poderíase chamar a atención sobre a correspondencia entre a ciberliteratura e o que o filósofo Mario Bunge chama “emerxencia ontolóxica”. Dentro da terminoloxía de Bunge, este tipo de emerxencia representa a aparición dunha novidade cualitativa (2004: 31), isto é, a manifestación de calquera formación novidosa con rasgos cualitativamente diferentes dos que definían os elementos da mesma orde previamente existentes. Provinde do campo da filosofía da ciencia, tal noción admite unha aplicación non restrinxida, na medida en que serve para describir fenómenos acontecidos na esfera da bioloxía, da economía, da física, etc. Así pois, en canto á literatura electrónica, resulta salientábel como o seu xurdimento produce unha serie de características ausentes nas anteriores tecnoloxías da escritura: «Son manifestaciones literarias de un nuevo tipo de discursividad, de nuevas formas de textualidad, donde el énfasis no está tanto en el resultado de la creación literaria como en el proceso de creación» (Sánchez-Mesa, 2004: 17). A afirmación da novidade substancial da literatura dixital non debe borrar, sen embargo, a existencia dunha longa serie de antecedentes que, incluso na

carencia da capacidade para producir un texto autenticamente interactivo, trataron de levar as posibilidades da escritura analóxica até o seu límite.

Igualmente transcendental resulta a constatación da vinculación da ciberliteratura coa “emerxencia epistemolóxica”, termo propugnado por Bunge (2004: 31) para describir o proceso polo cal, dentro dun sistema específico, se manifesta un fenómeno que resulta impredecíbel a partir das características das partes que compoñen o sistema en cuestión. Deste modo, a atribución desta forma de emerxencia a un determinado elemento novidoso deriva da comprobación dunha propiedade emerxente: «Decir que *P* es una propiedad *emergente* de los sistemas de clase *K* es la versión abreviada de ‘*P* es una propiedad global (o colectiva o no distributiva) de un sistema de clase *K*, ninguno de cuyos componentes o precursores posee *P*’» (Bunge, 2004: 32). Interpretada neste sentido, a emerxencia remite a unha transformación que se executa no paso das partes ao todo, revelando que o funcionamento dos dous niveis parte de parámetros e relacións diverxentes: «*The whole is more than the sum of the parts*[...] the overall behavior *cannot* be obtained by summing the behaviors of the isolated components. Said another way, there are regularities in system behavior that are not revealed by direct inspection of the laws satisfied by the components» (Holland, 1998: 225). A falta dun compoñente que fixe os rasgos globais do conxunto no cal se integra, as formacións emerxentes tenden en gran medida a instituírse a través de procesos auto-organizativos: «[emergence is] the arising of novel and coherent structures, patterns and properties during the process of self-organization in complex systems» (Goldstein, 1999: 59). Así, a ausencia de xerarquización e de instancias de control dentro da súa articulación confire á emerxencia un carácter descentralizado que se mantén constante en todas as súas posíbeis expresións particulares, sen importar cales sexan os seus contextos de aparición.

Cun gran impacto en múltiples ámbitos das disciplinas científicas, estas novas acepcións da emerxencia contribuíron á súa recorrente asociación con termos tales como “sistema”, “auto-organización”, “caos”, “fractal”, “complexidade” ou “módulo” (Bunge, 2004: 18). Esta nómina de nocións relacionadas coa emerxencia tamén debe comprender, a partir de agora, tanto a literatura electrónica como a unidade que determina a orixinalidade da súa estrutura discursiva, o hipertexto. Así pois, o hipertexto e os seus mecanismos de organización sinalan o punto exacto onde a ciberliteratura pasa a asumir as propiedades emerxentes antes expostas: «El hipertexto es una estructura de base informática para organizar información que hace posible la conexión electrónica de unidades textuales (de diferente tamaño, categoría y naturale-

za) a través de enlaces (*links*) dentro de un mesmo documento o con documentos externos» (Pajares, 2004: 193). A hipertextualidade non deriva de cada unha das unidades textuais senón da súa articulación nunha estrutura global a través dos enlaces, pois se os bloques que integran a arquitectura hipertextual funcionasen como elementos illados e desconectados da rede de vínculos da que forman parte constituirían unha forma textual con características equivalentes ás dos formatos analóxicos. En tanto que sistema emerxente, o hipertexto xorde da ensamblaxe dos seus compoñentes nun todo rexido por condicións que non proveñen de ningunha de tales unidades menores: por exemplo, os textos que compoñen o hipertexto están determinados por unha lectura basicamente lineal, mentres que a experiencia hipertextual se basea nunha exploración desordenada da multiplicidade de discursos accesíbeis desde o soporte informático. Deste xeito, no funcionamento do hipertexto o significado de cada unidade de texto ten un valor secundario respecto ás diferentes rutas resultantes das navegacións realizadas polos usuarios, ao igual que en comparación co propio proceso de inmersión na estrutura hipertextual. Finalmente, na medida que o hipertexto prescinde dunha clasificación vertical das unidades textuais, a súa estruturación interna presenta unha disposición exenta dunha dirección ou un foco de emisión primordiais: «Una de las características fundamentales del hipertexto es que está compuesto de cuerpos de textos conectados, aunque sin eje primario de organización. En otras palabras, el metatexto o conjunto de documentos [...] carece de centro» (Landow, 2009: 89). Esta ausencia dunha instancia central de articulación converte, polo tanto, o hipertexto nunha modalidade discursiva cunha coherencia estritamente local, nunha variedade textual heteroxénea onde priman as propiedades do emerxente.

A aparición das textualidades dixitais introduce na literatura un factor de inestabilidade que quedaba fóra dos horizontes de posibilidades dos formatos analóxicos derivados do desenvolvemento da imprenta. Máis concretamente, a literatura electrónica incorpora ao feito literario a impredecibilidade e a variabilidade que, segundo o último sentido do emerxente analizado, distinguen a emerxencia como unha propiedade ou un fenómeno específico: «We could describe the emergence of the cyberculture, of virtual reality, of hypertextual as the emergence of emergence. New technologies of information and communication do not rely on the unity of coherence, rather programming the emergence of different possibilities» (Grassin, 2008). Como apunta Jean-Marie Grassin a través da aparente redundancia da súa formulación, na literatura

dixital converxen dous significados fundamentais da emerxencia, coincidentes con dúas das perspectivas comentadas: en primeiro lugar, a ciberliteratura é unha literatura emerxente, xa que se corresponde cunha forma novidosa situada nunha posición de subsidiaridade dentro do campo literario; en segundo lugar, a causa dos patróns organizativos dos sistemas informáticos nos cales fundamenta o seu funcionamento, a literatura electrónica exhibe rasgos emerxentes. Así pois, reescribindo as palabras de Grassin, podería dicirse que a emerxencia da literatura dixital sería descrita como a irrupción dunha modalidade non hexemónica entre cuxas características innovadoras aparece a manifestación de propiedades emerxentes. Unha conclusión semellante podería extraerse, por último, no referente ás relacións entre a ciberliteratura, a emerxencia e o cambio: «Change lies in things but is disturbed unpredictably; in the course of the disturbance not only do the things change but change itself does. Changing change [...] constitutes emergence» (Joyce, 2001: 3). En definitiva, a literatura electrónica non só supón un cambio dentro do contexto e a conceptualización da literatura senón que tamén se manifesta en si mesma como un discurso cambiante, unha textualidade que fundamenta na transformación constante o seu modo de comportamento básico.

Chegado o momento final deste percorrido polo emerxente e as textualidades dixitais, cabe subliñar que a noción de emerxencia resulta un elemento fundamental e especialmente produtivo para a análise da realidade contemporánea, así como para o desenvolvemento da maioría das disciplinas académicas. Se ben a súa multiplicidade de significados e o seu valor interdisciplinar poden dar lugar a imprecisións ou equívocos, a natureza multifacética da emerxencia tamén pode potenciar o establecemento de enfoques máis plurais e complexos. Desta maneira, a revisión da emerxencia permite, ademais de afondar na comprensión global do concepto, incrementar as súas conexións coa ciberliteratura; paralelamente, o estudo da literatura electrónica a partir de varias perspectivas favorece a consecución dunha interpretación máis exhaustiva da emerxencia. O seguimento de ambas as vías de aproximación conduce, en consecuencia, á comprobación das múltiples interseccións que se producen entre os ámbitos do emerxente e da literatura dixital. Elementos en boa medida converxentes, tanto as textualidades electrónicas como a emerxencia demostran a súa capacidade para impulsar un esclarecemento recíproco.

### Referencias bibliográficas

- Adell, Joan-Elies (2004). "Las palabras y las máquinas. Una aproximación a la creación poética digital". En Domingo Sánchez-Mesa (ed.) *Literatura y Cibercultura*. Madrid: Arco, 269-296.
- Borràs, Laura (2005). "Teorías literarias y retos digitales". En Laura Borràs (ed.) *Textualidades electrónicas. Nuevos escenarios para la literatura*. Barcelona: UOC, 23-79.
- Bunge, Mario (2004). *Emergencia y Convergencia. Novedad cualitativa y unidad del conocimiento*. Trad. Rafael González del Solar. Barcelona: Gedisa.
- Cabo Aseguinolaza, Fernando (2000). "Poetry and Hypertext: the Sense of a Limit". *Liternet*, 2, <http://liternet.bg/publish1/fcaseguinolaza/poetry-en.htm>. Acceso: 03/10/2013.
- Domínguez, César (2006). "Literary Emergence as a Case Study of Theory in Comparative Literature", *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, 8.2, 1-16. <http://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol8/iss2/1>. Acceso: 11/10/2013]
- Equipo Glifo (2003). "Literaturas emerxentes". *Diccionario de termos literarios*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia - Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 51-54.
- Goldstein, Jeffrey (1999). "Emergence as a Construct: History and Issues", *Emergence: Complexity and Organization*, 1.1, 49-72.
- Grassin, Jean Marie (1996). "The problematics of emergence in comparative literary history". En J. M. Grassin (ed.) *Littératures Émergentes. Emerging Literatures*. Bern: Peter Lang, 5-16.
- Grassin, Jean Marie (2008). "Emergence". *Dictionnaire Internationale des Termes Littéraires International Dictionary of Literary Terms*. <http://www.flish.unilim.fr/ditl/EMERGENCE.htm>. Acceso: 07/10/2013.
- Holland, John H. (1998). *Emergence. From Chaos to Order*. Oxford: Oxford University Press.
- Joyce, Michael (2001). *Othermindness. The Emergence of Network Culture*. Michigan: University of Michigan Press.
- Landow, George P. (2009). *Hipertexto 3.0. Teoría crítica y nuevos medios en la era de la globalización*. Trad. Antonio José Antón Fernández. Barcelona: Paidós.
- Pajares Tosca, Susana (2004). *Literatura digital. El paradigma hipertextual*. Cáceres: Universidad de Extremadura.



- Sánchez-Mesa, Domingo (2004). “Los vigilantes de la metamorfosis. El reto de los estudios literarios ante las nuevas formas y medios de comunicación digital”. En Domingo Sánchez-Mesa (ed.) *Literatura y Cibercultura*. Madrid: Arco, 11-36.
- Veletsianos, George (2010). “A Definition of Emerging Technologies for Education”. En G. Veletsianos (ed.) *Emerging Technologies in Distance Education*. Athabasca: AU Press, 3-22.
- Williams, Raymond (2000). *Marxismo y Literatura*. Trad. Pablo di Masso. Barcelona: Península.

# **Notas sobre a emergência na atividade do grupo Galabra: quadros teóricos, transferência e a emergência de investigadores/as e metodologias**

***Notas sobre la emergencia en la actividad del grupo Galabra: marcos teóricos, transferencia y la emergencia de investigadores/as y metodologías***

*Notes on Emergence in the Activity of the Galabra Group: Theoretical Frameworks, Knowledge Transfer and New Researchers and Methodologies*

CRISTINA MARTÍNEZ TEJERO  
[crismteixeiro@gmail.com](mailto:crismteixeiro@gmail.com)

ELIAS J. TORRES FEIJÓ  
[eliasjose.torres@usc.es](mailto:eliasjose.torres@usc.es)

Grupo Galabra – Universidade de Santiago de Compostela

## **RESUMO**

Apresentam-se as considerações sobre emergência presentes no trabalho do grupo Galabra, fundamentalmente ligadas ao estudo da emergência de fenómenos da cultura; igualmente, e na sequência e âmbito dessa tarefa, enuncia-se a atenção à deteção e ao

desenvolvimento da emerxencia tanto para a transferencia, aplicabilidade e responsabilidade social como para o propio proceso investigador e apoio e desenvolvemento de investigadores/as.

Trata-se de dimensións de diversa índole: a primeira relaciona-se com a (in)capacidade deste grupo de pesquisa para elaborar, desenvolver, captar e adaptar instrumentos e quadros metodolóxicos; a segunda refere-se ao uso do coñecemento producido na pesquisa, en forma de novos quadros, focagens ou ferramentas e *know how* que posan ser aplicados e transferidos socialmente e à introdución da responsabilidade social no proceso investigador; a terceira abrangue a detección de novas propostas de pesquisa, tanto no asunto, como na focagem ou na metodoloxía (e, mesmo, até, de novas posibilidades e obxectos de estudo) fundamentalmente ligadas à emerxencia de novas persoas de calidade e valor para a pesquisa, do punto de vista académico e organizacional. **PALAVRAS-CHAVE:** cultura, investigación, transferencia, responsabilidade social, emerxencia investigadora.

#### RESUMEN

Se presentan las consideraciones sobre la emergencia presentes en el trabajo del grupo Galabra fundamentalmente relacionadas con el estudio de la emergencia de fenómenos de la cultura; también, y en el contexto y ámbito de esta tarea, se enuncia la atención a la detección y al desarrollo de la emergencia, tanto para la transferencia, la aplicabilidad y la responsabilidad social como para el proceso investigador en sí y el apoyo y desempeño de investigadore/as.

Estas son dimensiones de varios tipos: la primera se refiere a la capacidad (en) de este grupo de investigación para diseñar, desarrollar, captar y adaptar las herramientas y marcos metodológicos; la segunda se refiere a la utilización de los conocimientos producidos en la investigación, en forma de nuevos marcos, herramientas, enfoques y *know how* que se puedan transferir y aplicar socialmente y a la introducción de la responsabilidad social en el proceso de investigación; y la tercera abarca la detección de nuevas propuestas de investigación, tanto en el tema, como en el enfoque o metodología (e incluso de nuevas posibilidades y obxectos de estudio), fundamentalmente vinculadas a la emergencia de nuevas personas de calidade y valor para la investigación, desde el punto de vista académico y organizacional.

**PALABRAS-CLAVE:** cultura, investigación, transferencia, responsabilidad social, emergencia investigadora.

#### ABSTRACT

We will present in this paper some considerations on emergence as this concept could be seen in the works of the research group Galabra. Those are basically linked to the study of emergence in cultural phenomena. Following the referred task we will bring some attention to the detection and developing of emergence considering transference, applicability, social responsibility and the research process itself, as well as in supporting research development.

We will focus on different dimensions. The first one is related to the (in)capability of this research group to create, develop, detect and adapt methodological frameworks and tools. The second dimension is related to the usage of the new knowledge produced through research, delivered as new frameworks, perspectives or tools, and we will examine how our results could eventually be applied and socially transferred, and how

we could introduce social responsibility in the research process. The third dimension implies the detection of new research proposals, concerning both the topic and the methodology (and even new possibilities and study objects) basically linked to the emergence to new researchers of high quality and value from academic and organizational point of view.

**KEYWORDS:** culture, research, transference, social responsibility, emergency research.

### **Esclarecimentos prévios**

Este texto está concebido como um conjunto de notas que pretendem oferecer considerações (não de maneira exaustiva) que, sobre ‘emergência’, está presente no trabalho do grupo Galabra<sup>1</sup> ([www.grupogalabra.com](http://www.grupogalabra.com)); são elas três fundamentalmente:

- a) estudo da emergência de fenômenos da cultura,
- b) atenção, detecção e desenvolvimento da emergência na transferência, aplicabilidade e responsabilidade social,
- c) atenção, detecção e desenvolvimento da emergência investigadora.

Percebe-se, logo, a diversa índole destas três dimensões que, rapidamente, esclarecemos:

I) a primeira dimensão tem a ver com a capacidade ou incapacidade deste grupo de pesquisa para elaborar, desenvolver, adaptar, captar, instrumentos e quadros metodológicos que ajudem para o estudo da emergência no âmbito da cultura, dentro da consideração desta (no sentido de Lotman e Uspenskij, 1978, ou Even-Zohar, 2002) como o conjunto de bens e ferramentas que pessoas e comunidades têm e/ou usam para organizar a sua vida, para ver, classificar e atuar no mundo.

II) a segunda refere-se ao uso do conhecimento produzido na investigação: novas focagens, novas ferramentas, novos quadros, *know how* que possa ser aplicado e transferido socialmente. Incluímos, também, nesta alínea, a nossa (pre)ocupação com a responsabilidade social, no uso e aplicação do conhecimento e, igualmente, no envolvimento das comunidades objeto de estudo em propostas de melhoria da (sua) qualidade de vida.

III) com a terceira, queremos referir-nos a outro assunto que, por sua vez, oferece duas dimensões: a detecção de novas propostas de pesquisa, tanto no assunto, como na focagem ou na metodologia e, mesmo, até, de novas possibilidades e objetos de estudo; e a emergência de novas pessoas de qualidade

---

<sup>1</sup> O investigador Isaac Lourido Hermida dedicou uma pormenorizada análise à trajetória deste Grupo na sua tese de Doutoramento, bem alicerçada e documentada e que oferece considerações de utilidade e relevo para o exame do mesmo e para assuntos, em concreto, aqui focados: Lourido Hermida (2011: 368-456).

e valor para a pesquisa, tomando em consideração assim mesmo os mecanismos de apoio para o seu desenvolvimento nas organizações dedicadas à investigação.

Certamente, nestes enunciados, fica patente o caráter mosaico e avulso destas notas; mas não tanto como, talvez, pudesse parecer: temos a convicção de que as inovações metodológicas e a produção de novo conhecimento só podem resultar dum percurso investigador estável e com garantias de rigor e cientificidade.

Parece claro que, em termos de emergência, devemos começar por fixar que entendemos por ela. Serve-nos, a estes propósitos, o conjunto de definições que o *Dicionário Estraviz* nos dá (<http://estraziv.org/emergencia>), úteis para refletir sobre o assunto:

Emergência

S.F.

- (1) Acto de emergir.
- (2) Estado daquilo que emerge.
- (3) PSIC. Passo de uma fórmula de comportamento a outra, na linha de crescimento normal de um organismo vivo.
- (4) GEOL. Nascente de água.
- (5) FIG. Sucesso inesperado
- (6) Ocorrência.
- (7) Conjuntura.

Dos referidos significados, retemos três que permitem pensar as chaves das focagens a utilizarmos: emergência como fenómeno inesperado, emergência como estado (a continuidade do emergente) e emergência como transformação.

Consideraremos a emergência não apenas como um puro surto, mas na complexidade do seu aparecimento e da sua sustentabilidade; de tal modo, a ideia de surto desaparece e o inesperado deve, pelo menos em muitos casos, deixar de sê-lo ao tentarmos explicar as causas da emergência; ou, dito por outras palavras, a emergência só é inexplicável porque se desconhecem as causas dela, não porque elas não existam; o que nos leva ao estudo das condições da emergência. Noutros casos, certamente, o caráter da emergência pode aparecer como impredecível, quando se trata, fundamentalmente, de processos complexos e interatuantes. Na sua tese de doutoramento, Roberto Samartim esclarece (2010: 22-23):

devemos levar em conta que um sistema está formado por um conjunto de elementos que interaccionam entre si sujeitos a variáveis exógenas (que afectam o

sistema sem serem geradas nele) e variáveis endógenas (provocadas no interior do próprio sistema), assim como que o carácter complexo do sistema fai que dessas interacções entre elementos surjam também propriedades novas, que nom podem ser explicadas apenas a partir das propriedades dos elementos isolados. Entendemos instrumentalmente que estas propriedades som emergentes em quanto que impredecíveis a partir do estado inicial.<sup>2</sup>

Isto tem, em termos genéricos, duas derivações de importância: 1) os fenómenos de emergência precisam sempre de referentes -para que(m) é alguma cousa emergente e em relação a quê é um fenómeno emergente-; 2) identificando causas e condições da emergência de determinados fenómenos, pode prever-se e, até, planificar-se a emergência de fenómenos semelhantes ou que respondam a processos similares<sup>3</sup>.

Ao lado destas acepções que nos parecem aqui pertinentes, afigura-se-nos útil uma outra, sobretudo no que diz respeito à organização das equipas e das pesquisas. É esta definição de organização emergente que o *Diccionario de la Ciencia y la Tecnología* da *Universidad de Guadalajara* afirma recolher de C. Monroy Olivares (1998): «Proceso de autoorganización progresiva con una o más funciones de optimización, además de la de reducción de su propia entropía global». Esta perspectiva de uma progressiva auto-organização eficiente toca as várias dimensões que aqui focamos: tanto do ponto de vista da equipa como da organização académica.

## **I. O estudo da emergência no Grupo Galabra. O conceito de emergência d/numha perspectiva sistémica**

No Grupo Galabra temos dedicado alguma atividade investigadora ao estudo tanto de processos emergentes, quer de trajetórias individuais quer de agentes coletivos, como, ainda, de formulações sistémicas, perspectiva da qual, fundamentalmente, focamos estes assuntos. Com Roberto Samartim (2010: 37), membro de Galabra, entendemos por sistemas emergentes «sistemas deficitários, que apresentam à partida insuficiências na sua estrutura e funcionamento mas nos quais hai agentes que trabalham para as superar [...] e que

---

<sup>2</sup> Aliás, Samartim (2010) oferece uma classificação segundo a predecibilidade da emergência, com bases noutros autores: “Bedau (1997) fala em ‘emergência fraca’ quando os estados dos sistemas som dedutíveis a partir do conhecimento da sua microdinâmica e das condições externas em que se desenvolvem. Clayton (2006), por contra, fala na autoorganização e na ‘emergência forte’, em quanto que sistemas novos e complexos podem ser gerados a partir dos seus próprios mecanismos causais (veja-se o confronto de ambos os conceitos em Chalmers, 2006)”.

<sup>3</sup> O qual, de facto, não devia surpreender: é um princípio fundamental, por exemplo, do marketing como processo comunicacional.

podem ser também considerados ‘emergentes’ na medida em que estão sujeitos a mudanças estruturais auto-organizadas e não planificadas previamente».

Na presente altura, tomando como ponto de partida o quadro metodológico desenvolvido pela teoria do campo de Bourdieu e pela dos (poli-)sistemas de Even-Zohar, duma parte, e estudos de caso realizados sobre os sistemas literários lusógrafos, particularmente o galego, doutra parte, estamos em fase de revisão e reflexão sobre alguns aspetos vinculados à emergência, a partir, precisamente, das reflexões e dos avanços de investigador@s emergentes. Assim, refletimos a respeito de (a) a denominação como emergentes de sistemas em processo de autonomização, (b) a natureza e as características dos processos emergentes e (c) os agentes e os espaços emergentes.

### **a) oportunidade do uso da denominação (de) ‘emergente’ para sistemas em processo de autonomização**

As aceções de ‘emergência’ antes enunciadas são úteis para refletir sobre o assunto. Algumas vinculadas a ela podem pairar neste texto; por exemplo, a emergência como o aparecimento inesperado de uma situação grave e potencialmente lesiva para algo ou alguém; caso de um acidente de carro ou de uma avaria numa central nuclear. Também se pode considerar as perspetivas da emergência; por exemplo, a emergência como surto que ameaça posições ou procura substituições: o caso das economias dos países denominados BRIC(S) —Brasil, Rússia, Índia, China a que analistas acrescentam em ocasiões Súdáfrica— é um exemplo claro de expectativas de melhoria nas comunidades desses países e de risco para outras entidades capitalistas (e, sobretudo, por dependência destas, às suas sociedades)...

Para o caso das economias dos BRIC(S), só no sentido antes aludido (como surto que ameaça posições ou procura substituições). podemos considerar esta emergência: eles existem historicamente e, em determinada altura, estão em disposição de aparecer como substitutivos/emergentes. Lembre-se que, aqui, a emergência é sentida como ameaça para os detentores do poder e como oportunidade para os promotores. Do ponto de vista histórico/diacrónico, porém, não é uma emergência mas o resultado demorado dum processo complexo e dilatado no tempo: é fundamentalmente no quadro mundial, e em relação a determinadas economias, que essas economias aparecem como emergentes. Em termos culturais e, mais restritamente, literários, o impulso de novas redes sistémicas delimitáveis e com as quais partilham espaço social coloca em causa a definição e categorização desses fenómenos emergentes: são verdadeiramente sistemas? Pode falar-se de emergência de sistemas num

campo cultural determinado? Tendo sido utilizadas denominações e conceitualizações diversas, no seio do Grupo e polo menos em termos teóricos, a melhor solução é a de falar em “tendências protos-sistémicas” ou “tendências subsistémicas”. As subsistémicas correspondem àquelas iniciativas que, com certos traços de particularidade, se integram dentro do sistema em que funcionam e, eventualmente, emergem; as qualificadas de proto-sistémicas fazem alusão às práticas, também emergentes no mesmo espaço social, normalmente, encaminhadas a constituir um sistema independente mediante a impugnação da pertença ao sistema em que primitivamente estão inseridos os agentes. Com os conceitos de subsistema e proto-sistema queremos questionar a própria existência do sistema em casos como o galego até, polo menos, a década de oitenta [Torres Feijo (2004)]. É para sobejar o potencial teleológico inserido nestas noções que é habitual que falemos em tendências proto ou subsistémicas. Nesta direção, outras perspectivas e conceitualizações podem ser úteis: subcampo, dependente / fraco / novo / marginal / subalterno, delegação sistémica...<sup>4</sup>

### **b) a natureza e características assimiláveis aos processos emergentes**

E que levaria a questionar, num primeiro momento, os limites temporais ligados à emergência, isto é, em que momento se inicia e finaliza uma situação de emergência. Para esta medição, alguns parâmetros devem ser tomados em consideração: a instabilidade, a prevalência de práticas ambíguas e ambivalentes, as relações intensas com o campo do poder ou o conflito com outros sistemas formalmente estabelecidos são alguns dos fenómenos mais comumente associados a este tipo de processos.

Aqui, colocam-se igualmente algumas questões derivadas desses problemas: em função de quê se determina o início e a finalização do processo emergente? Foram emergentes o sistema brasileiro ou os sistemas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa? É-o ainda algum dos sistemas dos PALOP? Se o foram, quando começaram? Com a independência política? Com a configuração de um proto-sistema? E quando concluiu a emergência? Com a constituição de um sistema autónomo? E o caso galego? Podemos falar de

---

<sup>4</sup> O conceito de ‘subcampo’ foi cunhado por P. Bourdieu (1985) à hora de falar de literatura belga. Aron e Denis (2006: 9) denunciam, no entanto, a ausência de desenvolvimento e de teorização para esta noção. Cumpre, aliás, não confundir com o conceito de subsistema, tal como formulado por Galabra. Casas (2003: 74-75) usa o termo “delegación sistémica”, próximo ao de subsistema e na ótica dum sistema fonte que atua sobre outro, especialmente próximo ou não, sobretudo em casos de vinculação político administrativa.



sistema como rede com garantias de suficiência, de soberania sistémica no caso dos PALOP ou da Galiza (pergunta esta colocada no seio de Galabra no projeto FISEMPOGA<sup>5</sup>, na análise do proto-sistema cultural galeguista de finais de sessenta e início de setenta do pasado século; e cuja resposta nos conduz a um uso, pragmático e simplificador, do termo ‘sistema’)?

Como anotamos, além das delimitações temporais, a própria natureza e caracterização do emergente está presente neste âmbito reflexivo. Por exemplo, a vinculação possível do emergente e do novo e/ou do surto. Do nosso ponto de vista, a novidade ou o novo ou o inesperado não são características intrínsecas da emergência; tampouco a insurgência, que é um tipo de emergência; como também é um tipo de emergência o aparecimento num nível diferente (necessariamente diferente e observável) de um fenómeno. Assim sendo, a emergência é uma questão de perspectiva e de focagem e, portanto, para @ investigador/a poder falar de emergência deve situar a respeito de quê se produz.

Os elementos referenciais e relacionais, imprescindíveis para a análise da emergência, conduzem necessariamente à consideração das posições e dos processos. Num esquema relacional, em Galabra trabalhamos com ferramentas que permitam delimitar e determinar os pólos, os instrumentos e os processos de resiliência, de resistência e de oficialização —utilizados com resultados mui proveitosos por Samartim (2010). Um dos parâmetros que podem ser utilizados para medir estes fenómenos pode assentar no conceito de energia tal como desenvolvido por Even-Zohar (1999; 2007), e entendido como trabalho social investido. Roberto L.-I. Samartim (2010) desenvolveu com utilidade o conceito de energia e a medição da emergência através do diferencial na criação/destruição de instituições na sua tese de doutoramento (Samartim, 2010: 27, 36-38, 262 e ss).

Nesta linha de análise, convém a maior precisão na deteção e na classificação. Por exemplo, em relação ao denominado “Movimiento 15-M” que se gerou no Estado Espanhol em maio de 2011: que é o que o tornou possível no modo em que se desenvolveu, as ideias ou as redes sociais? E umas ou outras, como classificá-las em função dos parâmetros que acabamos de indicar? A questão aqui é detetar as estruturas do emergente; e colocar hipóteses; consideremos um caso social de forte impacto no âmbito do Estado espanhol: o 15-M (não) seria possível sem ideias? Foi apenas uma expressão primeira de

---

<sup>5</sup> Para mais pormenores, consulte-se <http://www.grupogalabra.com/investigacaoprojetos/71-fisempoga-fabricacao-e-socializacao-de-ideias-num-sistema-cultural-emergente-durante-um-periodo-de-mudanca-politica-galiza-1968-1982.html>.

mal-estar sem programa? Seria possível sem redes sociais: não seria possível sem anonimato e com agentes (que aparecessem como) estruturados organicamente: precisamente porque é a estrutura (partido/grupo político) a que é temida e contra a qual se insurgem? Formulamos o exemplo para colocar a questão de estudar a estrutura relacional da emergência como elemento chave para conhecer a adesão e o alcance e a consistência da emergência.

Entre os assuntos associados a estas perguntas simples, mas cuja resposta se torna importante porque afeta (a determinação e classificação de) memórias e identidades, está o da elaboração de parâmetros que ajudem a medir esses fenómenos. a autonomia dos campos aparece como um critério delimitador; estudiosos que se têm dedicado a estes aspetos, situam-na no século XIX (Bourdieu, referido ao campo literário) ou no século XVIII (Viala); aceitando estas delimitações, como denominar, então, os fenómenos anteriores? E os processos fora do quadro cronológico ou dos parâmetros de classificação e autonomização utilizados? No Grupo Galabra, enfrentando esses assuntos, por exemplo, na investigação desenvolvida sobre o século XVIII na Galiza e em Portugal, temos utilizado a denominação “campo das letras”<sup>6</sup>... Seja como for, em Galabra estes dous conceitos fortes, sistema e campo, temem usos funcionais, complementares em ocasiões e nunca sinónimos.

Já em termos mais genéricos, como pode ser deduzido, a própria aplicação e aplicabilidade de conceitos como campo ou sistema devem ser examinados à luz dos processos emergentes. Em alguma medida, conceitos como sistema e campo têm sido conceitualizados por/para/em situações de estabilidade sistémica e, menos, a casos que podemos denominar, segundo a perspetiva adotada, defetivos ou emergentes. Nesta orientação, consideramos de

---

<sup>6</sup> Assim argumenta a nossa colega Raquel Bello (2007: 80): “Como é bem sabido, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1992), no seu trabalho *As Regras da Arte*, coloca a emergência do campo literário na segunda metade do século XIX, momento a partir do qual se regista a existência de condições de independência deste campo. Concordando fundamentalmente com esta análise, encontramos o problema de identificação de um campo de lutas em épocas mais recuadas e concretamente, polo que à nossa pesquisa diz respeito, na segunda metade do século XVIII. Tendo constatado que o próprio vocábulo literatura se encontra em reformulação nesta altura (Bello Vázquez, 2005a: 21-33), e que, regra geral, as produções escritas (tanto ficcionais como doutrinárias, científicas, históricas, etc.) som percebidas pelas contemporâneas como fazendo parte do mesmo tudo, inclinamo-nos polo termo letras, mais geral na produção setecentista. Entendemos que, faltando novas revisões, este termo serve para englobar o que em ocasiões é designado por «belas letras», «boas letras» ou «letras humanas», assim como também a produção científica, mantendo-se diferenciado do mais específico «campo literário» que, como foi indicado, se refere a um campo concreto que surge numha época mais moderna e que está caracterizado pola sua própria independência a respeito do campo do poder, condições que, como é sabido, nom se verifica no século XVIII, e por umha definição que exclui as produções científicas e doutrinárias”.

interesse introduzir a noção de rede e a ferramenta analítica associada (ainda que nem sempre em relação unívoca), a Análise de Redes Sociais (ARS), com um impacto crescente na área da sociologia e em todos os campos próximos. Certamente, estes casos apresentam uma complexidade na análise para a qual uma ferramenta como esta, particularmente rendível aos mecanismos e processos emergentes, tem manifestado a sua eficácia.

As dificuldades intrínsecas a este tipo de empresas onde é evidenciada a situação defetiva dos modelos de estudo canónicos vê-se em parte compensada pelo valor acrescentado que a sua condição anómala oferece como quadro de experimentação e investigação metodológica, reafirmando a proposta de Dozo (2007, capítulo 1.3), formulada a partir do seu campo de estudo particular e concretizada na fórmula da «*littérature belge comme laboratoire d'essai*»<sup>7</sup>.

A recente adaptação da análise de redes aos estudos literários, com umhas aplicações específicas vinculadas especialmente à perspectiva agencial, bebe, em grande medida, da própria abertura desta noção, que possibilita um achemento às relações efetivas entre os indivíduos (Freche, 2007: 206). Entende-se por rede o conjunto de relações estabelecidas, no seio dum espaço cultural e social dado, entre diversos atores, grupos e instituições, as quais asseguram ademais a unidade e coerência deste espaço (Dozo e Freche, 2006: 86). No artigo “*Littérature, analyse de reseaux et centralité: esquisse d'une théorisation du lien social concret en littérature*”, fundamental para perceber a aplicação da ARS ao mundo literário, Lacroix oferece uma definição mais adequada ao conceito de redes literárias (2003: 492):

Seront littéraires [...] les réseaux organisés autour de la mise en commun d'une ressource principale, produite et évaluée, dans le réseau et à l'extérieur du réseau, en fonction des critères régissant la littérature de l'époque. Seront considérés comme des acteurs de ce réseau tous ceux qui, à un titre divers, interviennent dans la production, la circulation et l'évaluation de textes littéraires.

### **c) Agentes e espaços: o foco na dimensão espacial e nos processos agenciais da emergência; a emergência vista desde @s analistas. Quais óticas para os processos?**

Talvez, para todas as dimensões que vimos colocando, seja necessário fixar os pontos a partir dos quais a análise é feita, bem como as diversas consequências a que as variações de focagem possam dar lugar. Por exemplo, é comum

---

<sup>7</sup> Nesta esfera, e indo além, é pertinente trabalhar na superação da simplicidade dos estudos quantitativos —por vezes, o trabalho de Dozo (2007) parece tropeçar neste escolho— em prol duma investigação que incorpore plenamente o qualitativo às suas premissas.

tender a estudar a emergência como fenómeno e da perspectiva da atividade emergente, o que informa menos —e, em ocasiões, deformadamente— da perspectiva dos agentes que ocupam posições centrais e que, potencialmente, podem vir a sofrer as ações emergentes: resistência, resiliência, adaptação são também noções valiosas para estas perspectivas, como veremos.

Em Galabra, em trabalhos vinculados ao projeto FISEMPOGA (projeto em que fundamentalmente baseamos estas reflexões), ao lado de dúvidas e questões controversas, também detetamos potencialidades das diversas seleções, particularmente, a espacial e a agencial: desde uma focagem de carácter agencial, com o estudo dum agente ou grupo, quanto a trajetória, atuação, posicionamento, etc.; duma ótica espacial, destinada ao estudo do sistema prévio passo por uma delimitação geográfica e/ou do espaço social; e, assim, podendo estabelecer outros critérios definidores de corpus, com perspectivas definidas pola escolha dum fator sistémico ou de qualquer um critério alternativo. As possibilidades, e consequentes obstáculos a salvar, com cada uma destas eleições são múltiplas, ao igual que as limitações: obviamente, toda a selecom dum objeto de estudo —e duma investigação científica em geral— implica a aceitação destas bases, admitindo a impossibilidade de abrangência e reconstrução total e aceitando, mediante uma proposta de parâmetros coerentes, os limites que coloca uma focagem determinada. Mas a determinação —provavelmente uma das operações mais complexas da investigação— das perguntas, do núcleo de estudo e do corpus consequente é imprescindível tarefa, mais ainda em casos de análise de emergência. Aqui, a aproximação dos processos emergentes pode ser realizada de perspectivas várias e complementares, mas em caso nenhum misturáveis: Convém atuar com precisão para saber e definir se o que se analisa é o conflito (entre sistemas e as suas derivações concretas) ou são as margens (frente aos processos e fenómenos centrais); ou é a caracterização da emergência em função da sua (in)estabilidade, da prevalência de práticas ambíguas e ambivalentes, das relações com o campo do poder o que é procurado.

Nesta mesma dimensão, convém determinar, com a maior clareza, algumas opções de delimitação de diferentes sistemas dentro de um mesmo espaço social. Particularmente, no caso do campo do poder (o campo das disputas polo poder político e económico, pola reação da sociedade), convém precisar o papel da economia e dos agentes económicos, nomeadamente no que se conhece como pós-política, em que o plano económico ganha crescente importância. Do mesmo modo, cumpre definir a esfera da imprensa como corpus e atentar no seu processo agencial em relação ao campo do poder, sempre tendo

em conta uma perspectiva funcionalista. Igualmente, no que diz respeito a este campo, convém entender se a divisão operável entre os conceitos de resiliência, resistência e oficialização é aplicável noutros contextos que não sejam os da mudança política e se o próprio conceito de ‘oficialidade’ se adequa e situa no mesmo plano que os outros dous.

Na consideração e relacionamento entre campos, sentimos a provável necessidade de reflexionar sobre a eventualidade de campos diversos aos propriamente do poder e da cultura e mesmo de considerar, conceitualmente, a introdução de campos entre o político e os culturais, de maneira ainda mais aguda no caso de processos emergentes. A. Figueroa (2010), por exemplo, parece colocar-se similares necessidades, ele recorrendo à noção de “campo (“de producción”, acrescenta ele) ideológico”, conceito tomado de G. Sapiro (2006), embora a sua delimitação nem sempre apareça clara.

## II. A emergência investigadora

No que diz respeito à emergência investigadora, queremos referir-nos, em particular, ao apoio que, institucionalmente, deve ser prestado às pessoas que destacam no seu trabalho e que, polas razóns que forem, carecem de estabilidade profissional. Isto prende-se diretamente com as políticas de recrutamento de pessoal (de capital humano, se assim se compreender melhor), pois na atualidade, em muitas universidades —entre as quais, aquelas em que o Grupo Galabra desenvolve a sua atividade— não existem programas que garantam (dentro, é claro, dos orçamentos e capacidades financeiras) que esta finalidade se cumpra.

Os processos de cooptação e os mecanismos e agentes de seleção não costumam ser os mais adequados, como tão-pouco —e este é ainda assunto mais conflitivo— os procedimentos para a elaboração das ofertas de vagas: neles, são misturados critérios de necessidades docentes com potenciais de investigação um investigador pode ser utilizado como docente; um docente não tem que ser necessariamente um investigador e, menos, o docente, que integrar o quadro de pessoal da organização. Em ocasiões, são utilizados critérios de que beneficia quem já foi beneficiado no passado para poder estar numa situação que lhe permita satisfazer os critérios atuais. O potencial, a biografia do grupo segundo os percentis de cada grande área, deveriam passar a ser privilegiados, com uma definição de critérios que permitam medir impactos e progressões da maneira mais justa e equitativa; há necessidades que podem ser preenchidas sem necessidade de recorrer a quadros de pessoal estável; potenciais

de grupos que não são analisados em perspectiva e trajetória nem regradados por critérios firmes e claros dos resultados que são esperados ou que há que atingir.

Mas, provavelmente, o mais importante salto que deva dar-se estriba-se, precisamente, na deteção do contributo, do novo, na realização e no potencial investigador das pessoas candidatas. A universidade poderá cumprir da melhor maneira o seu serviço social se for garantia de inovação e de avanço, se priorizar estes como critérios nas suas escolhas, em vez de apoiar, no melhor dos casos, sem outras considerações, a reprodução e o *dejá vu* sistemáticos. A tão debatida ‘excelência’ deve ter parâmetros de medição: a inovação, a profissionalidade e a reflexão argumentada que visa o avanço devem estar entre esses parâmetros, medidos por indicadores claros e apreciados por especialistas de relevo nos seus âmbitos, sempre que possível @s melhores e de âmbito internacional: para que o juízo esteja o menos contaminado doutros interesses espúrios e porque o recrutamento de pessoal deve ser prioridade em cujo processo de seleção vale a pena investir.

Neste sentido, é particularmente importante dar atenção e conseqüente apoio a essa emergência no âmbito pré-doutoral e no de pessoas doutoradas recentes, tanto na sua estabilização como no desenvolvimento da sua pesquisa. A administração espanhola e galega, por exemplo, teve orientações valiosas com os programas, hoje devaluados, Ramón y Cajal, Isidro Parga Pondal, Ángeles Alvariño, Juan de la Cierva, programas destinados à diversas fases pós-doutorais que visavam a atração de pessoas com trajetórias investigadoras importantes para apoiar a sua carreira e a sua estabilização posterior, em centros de investigação públicos, fundamentalmente, ou, também, em iniciativas privadas; nesta linha, parecendo oportuno pensar em termos de rentabilidade do investimento e poder impulsar, além da estabilidade profissional destas pessoas —como resultado dum bom processo investidor por parte da sociedade—, as possibilidades de desenvolvimento do potencial investigador ou de transferência e de inovação que elas significam.. Que fazer, pois, perante o investigador emergente, entendido como aquele que inova ou apresenta novos contributos?

Os grupos de pesquisa devem igualmente desenvolver medidas de apoio e desenvolvimento para estas pessoas, precisamente enquanto entidades de serviço público e com responsabilidade social, que devem ser garantes da progressão do saber e de quem o produz e veicula. Isto obriga o grupo a pensar em termos de desafios para as suas e os seus investigador@s, em geral, e para as pessoas que estão no início da sua carreira investigadora, particularmente.

O grupo deve, assim, abrir espaço(s) para esse desenvolvimento e apoiar e orientar a progressão, ao mesmo tempo que @s investigadores emergentes devem tentar responder no seu trabalho à necessidade de verificabilidade e de avanço do conhecimento, frente à reprodução mais ou menos sofisticada.

Em termos gerais, achamos estarmos perante desafios que se colocam (a) à investigadora emergente, (b) ao poder público e à universidade e (c) aos agentes e mecanismos de comunicação:

a) à investigadora emergente, no sentido de pensar em termos de emergência metodológica e de focagem. Deve pensar a sua produção científica contra um dado saber e a sua construção, mesmo que seja para confirmá-lo na sua totalidade. Neste sentido, parece útil em todas as áreas científicas —incluindo o caso que conhecemos e nos ocupa, das ciências humanas e sociais— perspetivar o modo em que o saber foi produzido e hierarquizado (o que, no seio de Galabra, denominamos o “conhecimento construído”, vid., por exemplo, Martínez Tejero, 2012; Samartim, 2011), como modo de entender as perguntas a que esse eventual conhecimento responde e os mecanismos com os quais as respostas foram colocadas, inclusive aparecendo como lógicas e naturais.

b) ao poder público e à universidade perante a emergência investigadora como científico@ emergente. É a sua obrigação, dentro dos recursos disponíveis, a captação da emergência valiosa como prioridade no seu entorno: conseguir fazer bons investimentos em formação e desenvolvimento de investigador@s emergentes valios@s e conseguir reter essas pessoas ou, em troca, captá outras similares.

Esse desafio é igualmente alargável à comunidade científica, na medida em que ela faz parte dos processos de reconhecimento e seleção (e, igualmente, embora mais utopicamente, porque se lhe calcula máximo interesse no avanço do conhecimento).

Certamente, este tipo de processos são sempre complexos e podem portar doses de subjetividade mais ou menos importantes. No espaço das ciências humanas e sociais, polos seus vínculos com as sociedades e, segundo as hierarquias e prioridades de assuntos sociais, em cada caso, a emergência, o seu sentido e o sentimento da mesma (inclusive do que é e não é considerado emergência) podem variar drasticamente. Ao lado de parâmetros nítidos e de indicadores claros e objetiváveis, é preciso tentar definir e proteger alguns aspetos, conforme o estado do campo dos estudos em cada caso e segundo o espaço social a que se vinculam e/ou onde a pesquisa é realizada. De maneira brusca e pedestre, podemos falar de emergências fáceis ou difíceis, segundo o estado desse campo e dos interesses em jogo. Assim, em espaços onde a

crítica feminista ou a reflexão sobre nacionalismos tenham auge importante, a detecção da emergência nessas áreas resultará mais premente e, em casos, evidente, porque a atenção está nela mais centrada, frente a, por exemplo, inovações metodológicas mais transversais ou genéricas, (o qual, obviamente, não significa retirar o alto interesse destas linhas de estudo).

c) aos agentes e mecanismos de comunicação, transferência e responsabilidade social, num âmbito mais complexo e difuso. Queremos com ele fazer alusão a todas as dimensões de difusão do conhecimento e da emergência investigadora fora dos âmbitos de recepção e validação científicos. Referimos a necessidade de comunicar (e eventualmente transferir e aplicar) o conhecimento gerado e de pensar estes processos também em termos de responsabilidade social, entendendo-se aqui por responsabilidade social na emergência da investigação a possibilidade de que e *ess@s investigador@s* pensem, segundo os casos, em incorporar à sua pesquisa as pessoas, agentes e comunidades que possam beneficiar dela.

### III. Transferência e responsabilidade social

É nesta última esfera, da comunicação, da transferência e da responsabilidade social, onde a emergência constitui um âmbito em si mesmo, delimitável e que entendemos verdadeiramente importante ligar à atividade investigadora. Provavelmente não existe muita reflexão nas nossas áreas de trabalho sobre a função social que a pesquisa deve cumprir. E, provavelmente também, é aqui onde se estribam duas das principais insuficiências da universidade em relação ao espaço social: em (1) não comunicar os seus resultados, de maneira acessível, com a finalidade de a sociedade poder conhecer o resultado dos seus investimentos, e, sobretudo, em (2) não pensar em termos de utilidade social e de transferência e aplicabilidade do seu conhecimento.

Este é, verdadeiramente, um caminho de que pouco trecho se leva andado. No grupo Galabra, atuamos em termos de divulgação e incorporação dos agentes envolvidos a resultados de investigação<sup>8</sup>; em transferência de *know how* e criação de emprego<sup>9</sup> e, em geral, em dar notícia da nossa atividade pública —através da página <http://www.grupogalabra.com/>—, ainda que sem recursos bastantes para divulgar satisfatoriamente tanto a nossa atividade como

<sup>8</sup> Veja-se <http://www.grupogalabra.com/noticias/113-apresentacao-na-camara-de-comercio.html>.

<sup>9</sup> <http://www.grupogalabra.com/transferencianovo/110-faz-cultura-e-desenvolvimento.html>.



os resultados da nossa pesquisa. Em todo o caso, temos um espaço aberto a estas dimensões, nas reuniões semanais do grupo, e estamos a confeccionar um espaço de acolhimento e intercâmbio com investigador@s e agentes. Mesmo assim, estamos conscientes de que nos achamos em fases incipientes dumas linhas que reclamam, na medida em que o conseguirmos, atenção preferente. É preciso dispor de mecanismos de produção e desenvolvimento da transferência e da responsabilidade social e ainda estamos longe de os possuímos de maneira satisfatória; quiçá, a adoção de métodos de análise da cultura à própria cultura das equipas possa ter relevância como notável guia de trabalho.

Noutro nível, e na lógica anteriormente descrita, podem vir a colocar-se questões relativas às derivações a que o conhecimento produzido pode dar lugar, pois a pessoa que analisa estes processos pode encontrar perante si, tanto dum ponto de vista profissional como cidadão, fenómenos, processos, conhecimentos, circunstâncias que podem condicionar qualquer um desses planos.

Sobre estes assuntos, que entendemos são em parte consequência da própria reflexão sobre a atividade de pesquisa, sobre o *métier* da pessoa investigadora, reflexionava Pierre Bourdieu (2002), anos atrás, em, numa achega particularmente valiosa para nós, por situarmo-nos em boa parte na sua linha de análise e interpretação:

Maintenant, que va faire ce chercheur dans le mouvement social? D'abord, il ne va pas donner des leçons –comme le faisaient certains intellectuels organiques qui, n'étant pas capables d'imposer leurs marchandises sur le marché scientifique où la compétition est dure, allaient faire les intellectuels auprès des non-intellectuels tout en disant que l'intellectuel n'existait pas. Le chercheur n'est ni un prophète ni un maître à penser. Il doit inventer un rôle nouveau qui est très difficile: il doit écouter, il doit chercher et inventer; il doit essayer d'aider les organismes qui se donnent pour mission –de plus en plus mollement, malheureusement, y compris les syndicats– de résister à la politique néolibérale; il doit se donner comme tâche de les assister en leur fournissant des instruments. En particulier des instruments contre l'effet symbolique qu'exercent les «experts» engagés auprès des grandes entreprises multinationales. Il faut appeler les choses par leur nom.

É claro, para nós, que o plano cívico não deve contaminar a análise, para poder produzir conhecimento com maior rigor. Em Galabra entendemos que, crescentemente, deve surgir nas universidades e nos centros de investigação uma perspetiva que se sinta impelida polo norte da melhoria da qualidade e das condições de vida das pessoas e que a investigação deve estar atenta e servir a esse objetivo, do ponto de vista investigador (não da perspetiva cidadã, que não está em jogo no âmbito profissional) e da função social das entidades públicas de pesquisa.

### Referências bibliográficas

- Aron, Paul e Benoît Denis (2006). "Introduction. Réseaux et institution faible". Benoît Denis e Marneffe Daphné (eds.) *Les Réseaux littéraires*. Bruxelles: Le Cri / CIEL, 7-18.
- Bedau, Mark A. (1997). "Weak Emergence". James Tomberlin (ed.) *Philosophical Perspectives: Mind, Causation, and World. Vol. 11*. Oxford: Blackwell, 375-399.
- Bello Vázquez, Raquel (2005). *Mulher, nobre ilustrada, dramaturga Osmia de Teresa de Mello Breyner no sistema literário português (1788-1795)*. Bertamiráns: Laiomento.
- Bello Vázquez, Raquel (2007). "A correspondência na segunda metade do século XVIII como espaço de sociabilidade", *Romance Notes*, XLVIII, nº I, 79-89.
- Bourdieu, Pierre (1985). "Existe-t-il une littérature belge? Limites d'un champ et frontières politiques". *Etudes de lettres*, 3, 3 -6.
- Bourdieu, Pierre (1992). *Les Règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Editions du Seuil.
- Bourdieu, Pierre (2002). "Pour un savoir engagé", *Le monde diplomatique*, fevereiro.
- Casas, Arturo (2003). "Sistema interliterario y planificación historiográfica a propósito del espacio geocultural ibérico". *Interlitteraria*, n.º 8, 68-97.
- Chalmers, David J. (2006). "Strong and Weak Emergence". Philip Clayton e Paul Davies (eds.) *The Re-Emergence of Emergence*. Oxford: Oxford University Press, 244-256.
- Clayton, Philip (2006). "Conceptual Foundations of Emergence Theory". Philip Clayton e Paul Davies (eds.) *The Re-Emergence of Emergence*. Oxford: Oxford University Press, 4-5.
- Dozo, Bjorn-Olav (2007). *Mesures de l'écrivain. Étude socio-statistique du sous-champ littéraire belge francophone de l'entre-deux-guerres*. Tese de doutoramento orientada por Jean-Marie Klinkenberg. Liège: Département de Langues et Littératures romanes - Université de Liège.
- Dozo, Bjorn-Olav e Fréché, Bibiane (2006). "Réseaux et bases de données". Benoît Denis e Marneffe Daphné (eds.) *Les Réseaux littéraires*. Bruxelles: Le Cri / CIEL, 86-108.
- Even Zohar, Itamar (1999). "Planificación de la cultura y mercado". *Teoría de los Polisistemas*. Ed. Montserrat Iglesias Santos. Madrid: Arco, 71-96. Acessível em <http://tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/EZ-Planificacion1999.pdf>. Consulta: 30/11/2013.

- Even-Zohar, Itamar (2002). "Literature as Goods, Literature as Tools". *Papers in Culture Research*. <http://www.tau.ac.il/~itamarez/wocks/papers/papers/good-tools.pdf>. Consulta: 20/09/2013.
- Even-Zohar, Itamar (2007). *Polisistemas de cultura*. Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv - Cátedra de Semiótica. <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/index.html>. Consulta: 30/11/2013.
- Figuroa, Antón (2010). *Ideoloxía e autonomía no campo literario galego*. Bertamiráns: Laivento.
- Fréché, Bibiane (2007). "Les études de littératures francophones et la notion de réseau. Le projet CIEL". Maria Herminia Amado Laurel *et al.* (coords). *Espaces de la Francophonie en debat. Actes du Forum APEF 2006*. 203-214. [http://apef.org.pt/downloads/acta\\_2006/actas.pdf](http://apef.org.pt/downloads/acta_2006/actas.pdf). Consulta: 19/07/2010.
- Lacroix, Michel (2003) "Littérature, analyse de réseaux et centralité: esquisse d'une théorisation du lien social concret en littérature". *Recherches sociographiques*, XLIV (3), 475-497.
- Lotman, Yuri e Uspenskij, Boris (1978). "On the Semiotic Mechanism of Culture". *New Literary History*, Vol. IX (2), 211-232.
- Lourido Hermida, Isaac (2011). *As alternativas sistémicas da Historia literaria en situación de conflito cultural. Desenvolvementos teóricos e modelos de renovación nos casos galego e quebequense*. Tese de Doutoramento orientada por Arturo Casas Vales. Santiago de Compostela: Departamento de Literatura española, Teoría da literatura e Lingüística xeral - Universidade de Santiago de Compostela.
- Martínez Tejero, Cristina (2012). "Reflexividade e canonización do coñecimento. Processos de construción e conceptos para a análise do saber hegemónico". Eunice Ribeiro (org.) *Modernidades comparadas. Estudos Literários/ Estudos Culturais Revisitados*. Braga: Universidade do Minho - Edições Húmus, 21-32.
- Monroy Olivares, César (1998) *Teoría del caos*. Bogotá: Alfaomega.
- Samartim, Roberto L.-I. (2010). *O proceso de construción do sistema literario galego entre o franquismo e a transición (1974-1978)*. *Margens, relacións, estrutura e estratexias de planificación cultural*. Tese de doutoramento orientada por Elias J. Torres Feijó. Santiago de Compostela: Departamento de Filoloxía Galega - Universidade de Santiago de Compostela.
- Samartim, Roberto L.-I. (2011). "A construción do coñecimento pola historiografía literaria dum sistema deficitario (o caso galego para 1974-1978)". *Veredas*, 16, 177-210.

- Sapiro, Gisèle (2006). “Réseaux, institution(s) et champ”. Benoît Denis e Marneffe Daphné (eds.) *Les Réseaux littéraires*. Bruxelles: Le Cri / CIEL, 44-59.
- Torres Feijó, Elias J. (2004). “Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais”. Anxo Abuín e Anxo Tarrío (coords.) *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 423-444.

Grupo de Investigación "Teoría da Literatura e Literatura comparada (GI-1371 USC)"

CIPPCE

